

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

Carlos Alberto Souza do Nascimento Junior

**O PAPEL DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES:
OS FÃS DA SÉRIE HARRY POTTER EM BELÉM DO PARÁ**

Belém – PA
2012

Carlos Alberto Souza do Nascimento Junior

**O PAPEL DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES:
OS FÃS DA SÉRIE HARRY POTTER EM BELÉM DO PARÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará.

Orientado por: Prof.^a M.Sc. Telma Socorro Silva Sobrinho.

Belém – PA
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Nascimento Junior, Carlos Alberto Souza do.

O papel da literatura infanto-juvenil na formação de leitores : os fãs da série Harry Potter em Belém do Pará / Carlos Alberto Souza do Nascimento Junior ; orientado por Telma Socorro Silva Sobrinho. – Belém, PA, 2012.

65 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Faculdade de Biblioteconomia, Belém, PA, 2012.

1. Incentivo à leitura. 2. Interesse na leitura. 3. Literatura infanto-juvenil. 4. Jovens - Livros e leitura. 5. Crianças - Livros e leitura. 6. Potter, Harry (Personagem fictício). I. Silva Sobrinho, Telma Socorro. II. Título.

CDD 23. ed. – 028.55
CDU 2. ed. – 028:82-053.2/.7

Carlos Alberto Souza do Nascimento Junior

**O PAPEL DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES:
OS FÃS DA SÉRIE HARRY POTTER EM BELÉM DO PARÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará.

BANCA AVALIADORA

Prof.^a M.Sc. Telma Socorro Silva Sobrinho (Orient.)

Prof.^a Esp. Elisangela Silva da Costa

Prof. M.Sc. Rubens da Silva Ferreira

Conceito: Excelente
Belém, Pará, fevereiro de 2012

À Denize, à Nycole e ao Pedro.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à minha família, que tanta paciência e disposição teve em me ajudar a chegar até aqui, pelo apoio incondicional que sempre demonstrou e pelo incentivo que me deu em qualquer circunstância, prevista ou inesperada, que tenha surgido.

A Orinete Souza, Vanessa Dias, Thamirys Bispo, Weilanny Pinheiro, Suellen Gonçalves, Letícia Melo, Alessandra Nunes, Cristiane Soares, Alyne Silva, Camila Brito e aos demais colegas das turmas 2009 e 2008 que, igualmente, me deram forças para continuar, através do bom humor, companheirismo e dos bons conselhos, e com quem muito aprendi.

À Prof.^a Telma Sobrinho, que aceitou orientar esta pesquisa e me guiou para que o trabalho se tornasse possível, mesmo contra as aparentes impossibilidades relativas ao tempo.

Aos demais professores da Faculdade de Biblioteconomia que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação e me deram motivação e inspiração para concluir este trabalho e lidar com outras etapas de minha formação.

Às bibliotecárias Regina Ribeiro, pelas sugestões e ideias que deu para o conteúdo desta pesquisa, e Bernadete Oliveira, pela grande ajuda no acesso a fontes bibliográficas.

A Lázaro Castro, Jonas Guimarães, Ed Rebêlo e a outros que contribuíram, minimamente ou em grande parte, para a melhoria e aprimoramento desta monografia de conclusão.

Ao Fã-Clube Harry Potter Belém e à sua diretora, Thaís Hamile, que se dispuseram a participar e que contribuíram muitíssimo para o levantamento de dados na aplicação das teorias aqui abordadas, além das amigadas que surgiram.

E, finalmente, a Daniel Souza Silva, por despertar meu adormecido gosto pela série Harry Potter, instigando-o e o fazendo crescer com suas ideias e genialidade, assim como aos meus amigos Pedro Turra, Nycole Cardia, Denize Reyes, Fernando Galvão, Carolina Cavarson, Daphne Thompson, Jones Raijes, Livia Teixeira, Gabriel Lopes, dentre outros, sem os quais eu simplesmente não conseguiria.

*Não há nada de especial na leitura,
a não ser tudo que nos possibilita fazer.*

Frank Smith

RESUMO

O estudo enfoca a literatura voltada para crianças e jovens como uma ferramenta para a formação de leitores. Objetiva verificar a sua contribuição para a formação de leitores críticos e para a compreensão escrita. Reúne teorias sobre o ato de ler, alfabetismo e letramento dos pontos de vista prático e social, com o referencial de Paulo Freire, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva, Maria Helena Martins e outros. Traça um breve panorama histórico da literatura e da literatura infanto-juvenil e analisa suas diferentes facetas. Apresenta a série Harry Potter e sua autora, J. K. Rowling, por meio de sínteses de conteúdo. Reflete sobre a relação entre tais conteúdos e a realidade social brasileira em nossos dias. Assume caráter quali-quantitativo explicativo, e analisa dados coletados através de questionários aplicados com membros do Fã-Clube Harry Potter Belém. Demonstra, tendo como fonte secundária a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, os efeitos positivos da série Harry Potter e de outras obras de literatura infanto-juvenil sobre os leitores participantes da pesquisa. Considera que o complexo ato da leitura tem poder transformador, ativador de consciências e desalienante; que é também dever do bibliotecário se preocupar com a formação de leitores críticos e que a literatura pode ser utilizada como um instrumento para tal intuito. Conclui, por fim, que leituras agradáveis e instigantes podem estimular o indivíduo a adotar o hábito da leitura.

Palavras-chave: Formação de leitores. Literatura infanto-juvenil. Letramento. Potter, Harry (Personagem fictício). Rowling, J. K.

ABSTRACT

The study focuses on the literature directed at children and young people as a tool for readers training. It aims to verify its contribution for the formation of critical readers and reading comprehension. It brings together theories about the act of reading, alphabetism and literacy under the practical and social angles, with the referential of Paulo Freire, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva, Maria Helena Martins and others. Presents a brief historical overview about literature and children's literature and examines its different facets. It introduces the Harry Potter series and its author, J. K. Rowling, using content synthesis. It reflects on the relation between such contents and the Brazilian social reality in our days. Assumes quali-quantitative explanatory character, and analyzes data collected through questionnaires answered by members of the Fã Clube Harry Potter Belém. Demonstrates, using the research *Retratos da Leitura no Brasil* as a secondary source, the positive effects of the Harry Potter series and other works of literature for children and young readers over the participants. Considers that the complex act of reading has the dealienating power to transform and activate consciousness; that it is one of the duties of the librarian to concern with the formation of critical readers; and that literature can be used as an instrument for this purpose. Finally, it concludes that enjoyable and thought-provoking readings can stimulate an individual to adopt the habit of reading.

Keywords: Readers training. Literature for children and young people. Literacy. Potter, Harry (Fictional character). Rowling, J. K.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	LEITURAS SOBRE LEITURA	11
2.1	MODOS DE LER	13
2.1.1	Níveis de leitura	14
2.1.2	Leitura descendente e ascendente	16
2.1.3	A semiótica da leitura	17
2.2	LEITURA DA PALAVRA X LEITURA DO MUNDO	18
2.3	LEITURA E SOCIEDADE	19
2.4	FORMANDO LEITORES	22
3	SOBRE LITERATURA(S)	24
3.1	DA GRÉCIA ANTIGA AO BRASIL ATUAL	25
3.2	A LITERATURA INFANTO-JUVENIL	27
3.2.1	O texto literário e a escola	28
3.3	LEITURA DE LITERATURA	30
4	HARRY POTTER E SEUS LEITORES	32
4.1	A AUTORA	32
4.2	CONTEÚDO	33
4.2.1	A biblioteca e os livros em Harry Potter	43
4.2.2	Leitura da realidade	44
4.3	ESTÍMULO À LEITURA E ESCRITA	47
4.4	O PERFIL DOS LEITORES	49
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICE	59
	ANEXOS	60

1 INTRODUÇÃO

A história dos livros e das bibliotecas tem ligação direta com a história da leitura, tratando-se, neste caso, da apreensão de mensagens registradas em um suporte, e não como a interpretação de fatos vivenciados por um indivíduo e a relação feita em nível intelectual com o conhecimento já adquirido. Assim, ao analisarmos os caminhos da leitura através dos séculos, compreendemos que o ato de ler foi, desde o início, tratado como um privilégio reservado a poucos.

Na Antiguidade, o domínio da palavra escrita era, assim como da medicina, da química e de outros campos da ciência, considerado algo sagrado, restrito aos clérigos e líderes religiosos. Posteriormente, a leitura também passou a ser legada aos reis e governadores. Por isso, demorou muito tempo até que se fosse permitido ao cidadão comum que obtivesse acesso ao conhecimento, e este processo levou ainda mais tempo para se concretizar em algumas partes do mundo. Em certos países, simples conversas sobre determinadas obras escritas podiam levar pessoas à condenação e à consequente morte.

Isso se deu porque já se compreendia, mesmo naquela época, o poder da leitura, da informação e do conhecimento. Não era interessante para os líderes que dominavam a sociedade que o povo desenvolvesse ideias próprias ou absorvesse ideias alheias contrárias ao *status quo*, adquirindo um senso crítico que poderia prejudicar seu domínio. Mas, este não era o único fator que dificultava a disseminação da leitura: durante o período feudal, não havia uma demanda do povo em busca do conhecimento. Somente na Renascença, com o aumento das universidades e com a busca pela democratização em todos os campos da sociedade, é que a leitura começou a se expandir até as camadas desprivilegiadas.

Todavia, ainda que este processo tenha sido lento e conturbado, muitos problemas ainda persistem, como que espelhando, em menor grau (talvez, porém, com maior gravidade), os obstáculos encontrados pela leitura durante o tempo, podendo-se considerar um dos mais agravantes o fato de que muitos indivíduos ainda a tratam como um privilégio das classes superiores, a desconsiderando por falta de gosto ou de interesse.

Embora os caminhos traçados pela palavra escrita até aqui possam ter contribuído para uma laicização do ato de ler, há ainda diversas barreiras a serem vencidas, dentre elas o analfabetismo, o analfabetismo funcional, a falta de

compreensão daquilo que se lê, a falta de pensamento crítico e, principalmente, o desinteresse pela leitura. Como profissional da informação, se inclui dentre as diversas tarefas do bibliotecário a promoção do hábito de ler, principalmente, quando seu campo de atuação está ligado a áreas como a educação.

Surge, então, o interesse em analisar formas e ferramentas que podem ser de ajuda para o bibliotecário na execução de sua missão como mediador da informação, podendo a literatura infanto-juvenil ser listada como um destes instrumentos. Dentre as obras de literatura destinadas a crianças e jovens, destaca-se a franquia Harry Potter, de autoria de J. K. Rowling, contando atualmente com dez livros publicados e oito adaptações cinematográficas, assim como vários jogos, na qual são baseados. A partir da percepção da existência de uma grande quantidade de leitores dessa série, a mesma foi escolhida para ser objeto de estudo na presente pesquisa.

Dessa forma, com o fim de responder à pergunta “qual a contribuição dos livros da série Harry Potter na formação de leitores em Belém e região metropolitana do Pará?”, esta pesquisa objetiva compreender o ato de ler sob uma perspectiva prática e social. Para tanto, busca verificar uma possível relação entre a literatura infanto-juvenil e o desenvolvimento do leitor que a consome; e construir o perfil dos membros do Fã Clube Harry Potter Belém.

Assumindo caráter explicativo, a pesquisa reunirá, por meio de levantamento bibliográfico, teorias sobre a formação de leitores e literatura infanto-juvenil, cuja validade será demonstrada em um exame da série Harry Potter, com dados qualitativos coletados através de questionários híbridos, aplicados a leitores da obra oriundos do fã clube, interpretados analítica e logicamente (BRAGA, 2007; MARCONI; LAKATOS, 2011). A seleção do fã clube se deu por ter sido esse o único a responder aos contatos iniciais via correio eletrônico, sendo a aplicação do questionário incluída na programação de um dos encontros realizados pelo grupo, no mês de fevereiro de 2012. São também utilizados dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro, em nível nacional, que inclui a série Harry Potter dentre as obras mais lidas pelo público jovem no país.

As análises também se baseiam nas obras de diversos estudiosos da leitura e da formação de leitores, como Paulo Freire, Marisa Lajolo, Ezequiel Theodoro da Silva, Maria Helena Martins, Regina Zilberman, Maria Wortmann, dentre outros.

2 LEITURAS SOBRE LEITURA

Leitura é um processo que pode ser abordado interdisciplinarmente, integrando-se conceitos da fenomenologia, da psicologia, da linguística e da comunicação. Há, ainda, muita dialética sobre o que seria *ler*, discussão que se estende à área da educação, da alfabetização, do letramento. Definir a leitura também depende do contexto no qual tal definição se faz, podendo a abrangência de seu significado se ampliar ou restringir drasticamente. Contudo, é possível entendermos a leitura de forma satisfatória ao abarcar, em termos gerais, suas principais características.

Em uma contemplação inicial, a palavra *Leitura* nos remete à decodificação de símbolos linguísticos que apresentam uma mensagem a ser decifrada. Contudo, é ponto pacífico que a leitura não deve ser tratada apenas de forma mecânica, minimalista.

Segundo Edson Nery da Fonseca (2007, p. 63), o sentido original da palavra *Leitura* (oriunda do verbo latino *legere*) abrange não somente a apreensão de significado, mas, sua interpretação. Concordam com ele diversos teóricos ao afirmar que o conceito de leitura é muito mais amplo, um ato que relaciona a palavra com o mundo (FREIRE, 2005), o texto com o contexto (SILVA, 2004).

As inúmeras concepções vigentes sobre *leitura*, *grosso modo*, podem ser sintetizadas em duas caracterizações:

- 1) como decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir de condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica) (MARTINS, 1994, p. 31, grifo do autor).

A diferenciação proposta por Martins (1994) entre as perspectivas behaviorista-skinneriana e cognitivo-sociológica tem base na natureza das descrições elaboradas sobre o ato de ler. Na primeira concepção, se observa apenas a leitura como um ato vazio, sem levar em conta seus efeitos em nível intelectual, a atribuição de um significado aos signos decodificados – daí a denominação com referência à teoria psicológica do estímulo-resposta de Watson e Skinner (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001).

Já em sua consideração sobre a perspectiva cognitivo-sociológica, a autora expressa a visão de que a leitura, sendo observada de forma abrangente, inclui não somente tal decodificação de signos, mas também a reflexão sobre seu significado, incorporada ao contexto social do leitor (leitura crítica). Dessa forma, podemos dizer que ler envolve tanto a apreensão de significados quanto a sua compreensão e interpretação. “Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível” (MARTINS, 1994, p. 32). A leitura feita sem compreensão (ler, mas não entender) seria, assim, uma leitura incorreta ou inadequada.

Além disso, a palavra *Leitura*, ao contrário do que o senso comum parece indicar, não se restringe à palavra escrita. Martins (1994) defende fortemente a ideia de que podemos (e, de fato, o fazemos, mesmo que inconscientemente) ler imagens, objetos, cenas da vida cotidiana etc. A leitura iria ainda mais além da interpretação de um fato, pois seria complementada pela nossa própria opinião sobre o objeto lido, de acordo com experiências de vida e subjetividade.

Essa teoria corrobora com a máxima de Paulo Freire (2005, p. 20), segundo a qual “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Ou seja: qualquer leitura que façamos, seja ela de um texto escrito ou não, se relaciona diretamente com a nossa visão de mundo, com todo o conjunto de ideias adquiridas no decorrer de nossa vida e na forma como damos vazão a essas ideias, sendo influenciada por nossas vivências anteriores; da mesma forma, essa nova leitura influenciará as leituras futuras. Isso porque “todo texto [...] encerra e evoca referenciais de realidade” (SILVA, 2003, p. 38).

Deve-se, também, levar em consideração que, se a leitura acontece tendo como protagonistas dois elementos principais (leitor e objeto lido), no caso da palavra escrita, se torna necessário acrescentar ainda mais um indivíduo ao processo: o autor do texto, o emissor da mensagem. Para Soares (2004, p. 18), a leitura não é unilateral, pois faz com que o universo do autor entre em contato com o universo do leitor, por meio da palavra escrita.

Em um texto, ao elaborar suas ideias, o autor transmite sua própria concepção de mundo – seu universo – ao leitor. Este, por sua vez, receberá o ponto de vista daquele, interpretando-o e o compreendendo de acordo com suas próprias capacidades e experiências, atribuindo-lhe um novo significado. Contudo, para que essa comunicação ocorra satisfatoriamente, é necessário que o texto – uma

estrutura de significados (SILVA, 1985) – proveja elementos que o aproximem da realidade do leitor.

Só poderá ser lido o que for legível. Ou melhor, somente se completará a experiência comunicativa se a mensagem a ser emitida contiver ingredientes *simbólicos* e *culturais* capazes de suscitar a atenção do receptor potencial e conduzi-lo à sua leitura (apreensão e compreensão). [...] Do contrário, a atividade codificadora corre o risco de não encontrar a correspondência pretendida e esperada junto ao receptor (MELO, 2004, p. 101, grifo do autor).

Muitas vezes, a mensagem do autor pode ser lida de forma diferente daquela que foi originalmente proposta, devido à visão particular de mundo do leitor, ao seu universo próprio, gerando leituras diversas sobre um mesmo assunto. Sem os citados elementos simbólicos e culturais, a leitura de uma mensagem que não faça parte do universo do leitor pode ser comprometida, pois, sem qualquer conhecimento prévio de significado, tal leitura se torna incompleta.

Assim, podemos dizer que a leitura é a apreensão intelectual das características de um objeto (em sua forma e conteúdo), acrescida de ideias próprias de quem o lê, correspondendo ou não às intenções do autor do objeto lido.

2.1 MODOS DE LER

Como afirmado por Silva (1985), não há um conjunto de indícios que possa evidenciar todas as características do ato de ler. Isso porque a leitura pode ser analisada por diversos aspectos e sob vários enfoques, e, sendo o que a psicologia chama de evento interno¹ (SKINNER, 2006, 2007), dificilmente será demonstrada em seu todo.

No entanto, pesquisadores na área da linguística elaboraram teorias sobre como a leitura acontece sob diferentes ângulos. Os estudos de Maria Helena Martins (1994), Mary Kato (1999) e Vincent Jouve (2002) exemplificam as diferenças entre os diversos tipos de leitura, sendo abordados a seguir.

¹ Neste caso, entende-se a leitura como a apreensão de significados em nível intelectual, desconsiderando-se a leitura oral ou para ouvintes, que seria um evento público.

2.1.1 Níveis de leitura

Adotando-se a visão de que a leitura não se restringe a textos escritos, podemos facilmente chegar à conclusão de que um indivíduo, seja criança ou adulto, pode realizar leituras mesmo sem o domínio considerado apropriado do código linguístico – e isso inclui os livros. Em suas considerações sobre o que intitula “níveis de leitura”, Martins (1994) reflete sobre as formas de aproximação e apreensão do objeto lido, classificando-a em níveis *sensorial*, *emocional* e *racional*.

Uma criança cuja alfabetização ainda não se iniciou pode ler um livro por seu formato, sua encadernação em diferentes tipos de material, suas cores variadas, seu papel em texturas únicas ou, considerando o seu conteúdo, suas imagens e gravuras, naturalmente chamativas. “Num primeiro momento o que conta é a nossa resposta física ao que nos cerca, a impressão em nossos sentidos” (MARTINS, 1994, p. 47). Milhares de títulos voltados para essa faixa etária são produzidos, recheados de figuras ricamente coloridas, com formas fáceis de compreender, ilustrando situações geralmente detalhadas pelas palavras. Dessa forma, a criança lê o livro pela captação de suas características físicas, percebidas por seus sentidos, configurando, assim, uma leitura sensorial.

A leitura sensorial vai, portanto, dando a conhecer ao leitor o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem a necessidade de racionalizações, justificativas, apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar (MARTINS, 1994, p. 42).

É neste nível de leitura que se desperta o interesse pelo livro como um objeto. Com a recente difusão dos livros eletrônicos ou *e-books*, muitos daqueles que afirmam ter gosto pela leitura os rechaçam por sua impalpabilidade, enquanto outros os preferem por sua natureza prática. Somente a experiência sensorial vai indicar a um indivíduo suas preferências.

O segundo nível de leitura sobre o qual a autora reflete é o nível emocional. Neste caso, a questão não seria em *como* ou *no quê* consiste o objeto lido, mas aquilo que ele nos faz sentir, sejam emoções agradáveis ou não. Novamente, tal nível de leitura não é verificado apenas no texto escrito, embora um romance ou uma história de ficção geralmente nos façam tender a esse tipo de leitura. Contudo, ela também ocorre ao assistirmos uma telenovela, prestigiarmos a apresentação de

uma peça teatral ou a um espetáculo circense, observarmos uma fotografia, escutarmos a uma canção ou mesmo presenciarmos cenas do cotidiano.

Tais objetos ou eventos nos incitam sensações, emoções, à “empatia, tendência a sentir o que o se sentiria caso estivéssemos na situação e nas circunstâncias experimentadas por outro” (MARTINS, 1994, p. 51). Isso acontece geralmente pela identificação com um ou mais personagens da trama envolvida, por trazer à tona memórias de acontecimentos passados ou por aquilo que se lê evocar o que se conhece por *catarse* (CABRAL; NICK, 1974, p. 54) ou, como diz Martins (1994, p. 52), “processo de participação afetiva numa realidade alheia”.

Diferentemente da leitura em nível emocional, na qual têm ênfase características irracionais, opinativas, a leitura racional ocorre no âmbito do pensamento, em que se reflete sobre o que o objeto lido nos diz. De caráter discursivo, neste nível, a leitura visa um diálogo com o texto, fazendo uma conexão com a realidade do leitor e a mensagem expressa, “ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social” (MARTINS, 1994, p. 66). Questiona-se também como o texto foi produzido, o contexto que ele apresenta, e que pode esclarecer muitas (senão todas as) ideias apresentadas quando estas não fazem parte do arcabouço de conhecimentos do leitor.

Busca-se, portanto, o significado do texto ou objeto lido, e isso não restringe a leitura em nível racional ao campo dissertativo da linguagem. Mesmo narrativas – escritas, orais, dramáticas e outras – contêm uma mensagem, como é o caso de fábulas morais ou de contos infantis. Cabe, aí, relacionar experiências anteriores e visões de mundo às ideias expostas no texto lido, questionando-as e buscando aquilo o que elas expressam.

Nesse nível de leitura (assim como, ao menos parcialmente, no nível emocional), em caso de textos escritos, faz-se necessário o domínio da linguagem, a capacidade de decodificação dos símbolos e também a compreensão das palavras e do contexto, sem os quais a mensagem se torna ilegível, incompreensível, sem qualquer possibilidade de diálogo entre o mundo do leitor e o texto.

Interessa também destacar que os três níveis de leitura, embora distintos, não podem ser isolados um do outro, assim como não obedecem a uma hierarquia ou ordem pré-estabelecida, podendo ocorrer de forma simultânea, com um deles sendo privilegiado em um ou outro momento, e alternando-se entre si.

2.1.2 Leitura descendente e ascendente

Baseando-se em estudos na área da cognição e da linguística, Kato (1999) busca examinar o processo em que a aquisição de informações, através de um texto escrito, se relaciona ao conhecimento já acumulado pelo leitor, referindo-se a dois tipos de processamento de informação: a leitura *descendente* (*top-down*) e *ascendente* (*bottom-up*).

No primeiro tipo, a leitura do texto processa informações da macro para a microestrutura. O leitor que faz esse tipo de leitura é aquele “que apreende facilmente as idéias gerais e principais do texto, é fluente e veloz, mas por outro lado faz excessos de adivinhações, sem procurar confirmá-las [...]” (KATO, 1999, p. 50). Assim, a leitura descendente acontece quando seu foco são as informações mais relevantes de um texto, utilizando-se de conhecimento prévio para preencher as lacunas de compreensão que possam haver.

A leitura ascendente, pelo contrário, é linear, indutiva, composicional (KATO, 1999, p. 50). O leitor que faz uso desse tipo de processamento constrói sua compreensão a partir dos dados fornecidos por aquilo que lê, os integrando progressivamente. Contudo, Kato (1999) afirma que esse leitor não sabe diferenciar as informações relevantes do material redundante em um texto, tendo, assim, dificuldades em sintetizar as ideias expostas, por dar atenção em demasia a ambas as partes.

Todavia, é possível realizar uma leitura integrando ambos os tipos de processamento de informações, dando atenção às partes principais de um texto e buscando compreender aquilo que não se conhece previamente. Este conjunto de informações já anteriormente apreendidas pelo leitor – ou, segundo Rumelhart ([1980] *apud* KATO, 1999, p. 51), *esquemas* – seria ativado pela informação visual. Estes esquemas estariam armazenados em nossa memória, fazendo parte de nosso conhecimento tácito, implícito.

Utilizando o modelo descendente, a leitura seria mais rápida, à medida que a decodificação se faria não letra por letra, mas por palavras ou grupos de palavras, segundo sua letra inicial e final, contorno, extensão etc. (KATO, 1999). Já as palavras desconhecidas seriam integradas ao vocabulário do indivíduo, ao passo que este reconheceria seu significado pelo contexto daquilo que lê.

O mesmo se dá com o *significado* do texto em si. Não basta utilizar o modo de leitura descendente ou ascendente para decodificar um texto; antes, há importância em relacionar aquilo que se lê – sejam informações novas ou com as quais o leitor esteja familiarizado – com as leituras anteriores.

2.1.3 A semiótica da leitura

Fundamentando-se na teoria de Thérien (1990 *apud* JOUVE, 2002, p. 17), Jouve explora a leitura em processos, diferenciando cada um deles como etapas, a saber: *neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico*.

O processo neurofisiológico englobaria os aspectos físicos da leitura, a captação dos símbolos pelo aparelho visual, a memorização de palavras, a legibilidade do texto, de forma a apresentar a leitura como “uma atividade de antecipação, de estruturação e de interpretação”.

O segundo processo ou etapa sobre o qual o autor disserta diz respeito ao encadeamento de ideias de um texto, que ajuda o leitor a progredir em sua leitura, compreendendo os fatos expostos. Seria este o processo cognitivo no qual o leitor pode optar por ignorar determinados trechos, sem perda de significados, progredindo rapidamente na leitura; ou deter-se na interpretação de cada parte do texto a fim de compreendê-lo em sua plenitude.

Essa compreensão cumulativa do texto geraria afeição e identificação – o processo afetivo. Assim como no nível da leitura emocional (ver 2.1.1), o leitor se prende a uma personagem de forma a suscitar o interesse pelo progresso de sua história em um romance, por exemplo.

O quarto processo (argumentativo) se relaciona mais ao discurso, àquilo em que o autor se engaja, no qual ele tenta transmitir este engajamento ao leitor. Joga-se com a argumentação para convencer o leitor a assumi-la para si, podendo, neste processo, haver o efeito contrário.

Por fim, o processo simbólico abrange “o sentido que se tira da leitura (reagindo em face da história, dos argumentos propostos, do jogo entre os pontos de vista)” (JOUVE, 2002, p. 22). Este é o processo transformador, onde ocorre a leitura crítica, em que o leitor incorpora à sua realidade o significado do texto lido. Por meio dele, “a leitura pode transformar as mentalidades” (JOUVE, 2002, p. 22).

2.2 LEITURA DA PALAVRA X LEITURA DO MUNDO

Retornando ao enunciado de Paulo Freire (2005), a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura da palavra impacta na leitura do mundo. Assim, e sabendo-se que para ler não basta decodificar, mas compreender, se faz necessário ao leitor verdadeiro uma leitura crítica, tanto da palavra quanto do mundo ao seu redor.

Embora o conceito de leitura não abranja somente a palavra escrita, volta-se aqui, novamente, para este tipo de objeto, correlacionando-o com a leitura da realidade – referindo-se a “leitura”, portanto, no que tange à palavra. Neste sentido, o analfabetismo é um dos principais obstáculos encontrados hoje no caminho da democratização da leitura.

Conceitos como alfabetização, alfabetismo funcional e letramento têm sido objeto de discussões que visam a sua definição, buscando um consenso para os estudiosos da linguística (DEMO, 2006). Cabe, dessa forma, esclarecer a diferença até então estabelecida entre os mesmos.

Para Soares (2003 *apud* DEMO, 2006, p. 34), alfabetização pode ser definida como a aquisição do conjunto de técnicas e habilidades que permite a leitura e a escrita, ou seja: o domínio do alfabeto, a capacidade de decodificação, a habilidade motora de manipulação de instrumentos de escrita, de orientação correta da leitura e escrita (as direções do texto em uma página), o conhecimento dos suportes para leitura etc.²

Para que um indivíduo seja considerado alfabetizado, portanto, ele precisa dominar o código linguístico e as habilidades decorrentes das práticas da leitura e da escrita, e aplica-las em sua vida. Todavia, há aqueles que conhecem o alfabeto, porém, seu nível de compreensão escrita é rudimentar, os impossibilitando de utilizar a leitura em situações cotidianas (GARCEZ, 2008, p. 61). Neste caso, a palavra “funcional” é acrescida à sua condição de alfabetismo.

Já o letramento vai além, passando a alfabetização a ser apenas um instrumental para o indivíduo letrado. Segundo Soares, “ao exercício *efetivo e competente* da tecnologia da escrita denomina-se letramento”, ou seja: “ler ou

² Diferentemente da alfabetização, o alfabetismo (com o sufixo *-ismo*) seria uma questão social, e não de nível individual, sendo “aquilo que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita” (SOARES, 2003 *apud* DEMO, 2006, p. 34).

escrever para atingir diferentes objetivos” (2003 *apud* DEMO, 2006, p. 34, grifo nosso), como orientação, informação, aprendizagem, prazer etc.

Se os índices de indivíduos alfabetizados são perceptivelmente baixos para os padrões ideais, quanto mais o é a prevalência de cidadãos letrados. Isso porque não basta saber ler e escrever: é preciso utilizar tais competências para se inserir na sociedade de forma a atuar verdadeiramente em seu contexto, de forma crítica, e, nesse caso, mesmo o alfabetismo implicaria em uma condição de atividade política (SOARES, 2004; FREIRE, 2005).

Embora a situação exija um exame mais profundo, que aqui não cabe, Freire e Soares, ao refletirem sobre a alfabetização no Brasil, afirmam que mudanças precisam ser feitas quanto ao seu objetivo.

Para Freire (2005), a alfabetização deve ser tratada como o ensino da decodificação de um mundo já existente para o alfabetizando. Não se pode ensinar alguém a “ler” ou escrever uma palavra que não se insere em seu próprio contexto, o que significa que somente haverá compreensão, no âmbito da palavra escrita, daquilo que já se conhece em nível de conhecimento de mundo. Ou seja: a alfabetização, o ensino da decodificação do alfabeto, deve ser acompanhada do estímulo à decodificação da realidade, gerando também no alfabetizando o espírito de autonomia que o auxiliará a fazer suas próprias leituras, tomando como base o que se lhe ensinou (FREIRE, 2005; SILVA; FORTUNATO, 2009; DEMO, 2006). “A sua leitura do real [...] não pode ser a repetição mecanicamente memorizada da *nossa* maneira de ler o real” (FREIRE, 2005, p. 29, grifo nosso).

Além disso, não se pode conceber o analfabeto como alguém desprovido de direitos, cuja condição o torne inferior, mas, alguém que tem tanto direito à informação – em seu meio de transmissão predominante, a escrita – quanto os chamados letrados, e, nesse cenário, entra o bibliotecário.

2.3 LEITURA E SOCIEDADE

Apesar da discussão acerca da importância da leitura e da busca pelos motivos que dificultaram sua popularização no decorrer dos séculos, deve-se entender que tal importância é, hoje, muito mais acentuada do que na Antiguidade (DEMO, 2006). Vivemos em uma sociedade grafocêntrica, onde a palavra escrita é

um instrumento fundamental para o exercício pleno da cidadania – embora muitos cidadãos sejam privados desse direito.

A cidadania é uma condição *sine qua non* para ser pessoa, o que significa que todos, desde seu nascimento, são cidadãos, sendo sua simples existência a garantia teórica para tal estado. Para Dallari (1998), “a cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar *ativamente* da vida e do governo de seu povo” (*apud* ALVES, 2009, não paginado, grifo nosso).

Assim, todos os indivíduos, não importando seu gênero, condição social, sexualidade, etnia etc. têm direito à participação política e ao gozo de direitos e deveres da vida social, e isso inclui a leitura de forma marcante, não somente no cotidiano, mas em um nível mais profundo. Britto (1999 *apud* SILVA, 2003, p. 51) corrobora ao nos explicar que...

[...] a leitura é um ato de posicionamento político diante do mundo. E quanto mais consciência o sujeito tiver deste processo, mais independente será a sua leitura, já que não tomará o que se afirma no texto que lê como verdade ou como criação original, mas sim como produto. A ignorância do caráter político do ato de ler, por sua vez, não anula seu componente político, porque este é um constitutivo do processo, mas conduz à mistificação da leitura e dos textos impressos e ao não-reconhecimento dos interesses e compromissos dos agentes produtores de textos.

Tal mistificação entra em acordo com a leitura mecânica, produzindo leitores neutros, que aceitam aquilo que leem como verdade ou cuja leitura simplesmente não produz qualquer resultado. O oposto, a *leitura crítica*, seria para Silva (2004) um instrumento de libertação do domínio exercido pelas classes “superiores”. O autor afirma que o livro é objeto das classes privilegiadas, e não um direito de todos, e explica:

O ato de ler é, fundamentalmente, um ato de conhecimento. E conhecer significa conhecer mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e no mundo dos homens, explicando-as. Aos dominadores, exploradores ou opressores interessa que as classes subalternas não percebam e nem expliquem as estruturas sociais vigentes e o regime de privilégios.

[...] As possibilidades do exercício da crítica através da leitura de livros (ou similares) são bem maiores do que aquelas proporcionadas por outros veículos de comunicação. A censura de livros não é semelhante à censura da televisão ou rádio. O aumento do público leitor significa o acesso a informações não atingidas pela “tesoura” da censura e, por isso mesmo, mais objetivas em termos de colocação (2004, p. 12).

Não é interessante para a classe dominante que a leitura – da palavra e do mundo – seja uma realidade constante. A partir do momento em que um indivíduo percebe a si próprio como um cidadão *participante* da sociedade e não mero espectador de sua própria vida, o pensamento crítico o levará a questionar sua existência e a forma como ela ocorre, como as coisas são e como elas poderiam ser.

Assim, tal dominação age de pelo menos duas formas: por restringir o conceito de leitura à sua forma limitada, mecânica, passiva, de maneira que não possa despertar nos indivíduos uma conscientização que os permita combater a ignorância e a alienação impostas pelo regime dominante e superar o *status quo* a partir da crítica dos fatos (SILVA, 2004; DEMO, 2006); e por inibir políticas que promovam a produção e a disseminação de livros, principalmente, com teor social/crítico (SILVA, 2004).

Dessa forma, “[...] ao povo permite-se que aprenda a ler, não se lhe permite que se torne *leitor*” (SOARES, 2004, p. 25, grifo do autor). Para que se possa fazer uma leitura crítica do mundo, é necessário que a leitura exista, efetivamente, e aí entram em questão as condições sociais para a produção e o exercício de leituras.

Essas condições estão intrinsecamente relacionadas às condições gerais de produção, distribuição e consumo de outros bens, reproduzindo-se década após década, tal qual o analfabetismo, a ausência de bibliotecas e de políticas públicas que incentivem o enriquecimento cultural dos indivíduos (SOARES, 2004; SILVA, 2004). Se, na sociedade em que vivemos, o acesso à educação, à saúde, à alimentação, a condições dignas de moradia, dentre outros fatores, distingue-se nitidamente de uma classe social para outra, o mesmo se dá com a leitura. Não que ela seja, em sua essência, uma prática característica das classes chamadas superiores, mas, assim é tratada devido às condições facilitadas de acesso³.

Contudo, ao passo que a disponibilidade de livros e outras obras para leitura deva ser considerada, há ainda outro fator relevante, oposto, que não parte do governo e nem das classes dominantes: o interesse em tais livros. Como afirma Silva (2004, p. 13), “a existência de livros disponíveis e de fácil acesso não garante,

³ Em uma pesquisa sobre o mercado editorial no século XIX, Alessandra El Far (2005) confirma que, mesmo então, produções de baixo custo aumentavam as vendas de livros para a população de renda inferior à da elite carioca, difundindo, assim, tanto a leitura de clássicos quanto a disseminação de autores locais.

por si só e necessariamente, o surgimento da leitura enquanto uma experiência de prazer e de conhecimento objetivo da realidade”.

2.4 FORMANDO LEITORES

Não é incomum encontrar, em livrarias, sebos, bancas de revistas ou mesmo nas mãos de vendedores ambulantes, manuais que se propõem a ensinar diferentes técnicas de leitura, leitura dinâmica, memorização, compreensão. Não se nega aqui a possível validade de tais guias, mas, são observadas algumas orientações gerais baseadas na prática do ensino da leitura e em pesquisas científicas sobre o assunto, analisadas por Bamberger (1991).

Formar leitores implica compreender a leitura e transmitir tal compreensão ao leitor em formação. Bamberger (1991, p. 23) explica a leitura como...

[...] um processo perceptivo durante o qual se reconhecem símbolos. Em seguida, ocorre a transferência para conceitos intelectuais. Essa tarefa mental se amplia num processo reflexivo à proporção que as idéias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores. O processo mental, no entanto, não consiste apenas na compreensão das idéias percebidas, mas também na sua interpretação e avaliação.

Tendo noção dessas “etapas” nas quais se funde a leitura, o leitor passará a exercê-las de forma cada vez mais natural. É verdade que circunstâncias externas (iluminação, postura, assento etc.) e internas (alguma distração, preocupações, cansaço, dentre outras) podem prejudicar a compreensão e a interpretação do que se lê, mas, entende-se que uma leitura bem feita se aprenda com a prática.

É importante que o leitor compreenda *como* ler para que seu gosto pela leitura cresça. É comum sentirmos aversão a atividades que não desempenhamos bem, como em esportes que exijam habilidades as quais não desenvolvemos. Da mesma forma, é frequente que encaremos situações de obrigação, impostas por nós mesmos ou por outros, como menos prazerosas. Por isso, Bamberger (1991) afirma que, para despertar o interesse na leitura, não se deve tolher a curiosidade por uma ou outra obra ou restringir as opções do leitor, assim como lhe impor leituras mais difíceis do que aquelas com as quais esteja acostumado. Barthes (1981 *apud* MARTINS, 1994, p. 58) também acredita que, “para ler, senão

voluptuosamente, pelo menos gulosamente, é preciso ler fora de toda a responsabilidade crítica”⁴.

Um outro fator que pode facilitar a formação de leitores é a identificação de seu perfil de leitura. Bamberger (1991) classifica os leitores em quatro tipos distintos: *romântico*, *realista*, *intelectual* e *estético*. Para que tal diferenciação seja útil, é preciso que o formador de leitores conheça também as características inerentes a cada um desses perfis.

O leitor romântico deposita sua preferência no mágico, no ficcional, na leitura que o abduz da realidade. Já o leitor realista rejeita esse tipo de leitura, optando pelo fatural, como romances, contos policiais, dentre outros, ambientados na realidade conhecida. O tipo intelectual busca materiais instrutivos, procurando também conhecer as razões e morais daquilo que lê. Enquanto isso, o leitor estético prefere a leitura de poesias, por exemplo, dando mais atenção à forma do texto (BAMBERGER, 1991, p. 36).

Embora sua análise se volte para o despertar do interesse pela leitura em crianças, os princípios defendidos por Bamberger (1991) para instigar o gosto pela leitura são válidos para todas as idades. Ele afirma, por exemplo, que o leitor deve ter contato com os livros *antes* de ser inserido em um sistema cujo funcionamento retrate os livros como instrumento de cumprimento de obrigações (p. 37). Também mostra que as leituras indicadas ao leitor em formação devem concordar com sua experiência⁵ (p. 49). Além disso, deve-se prover condições para a prática da leitura, como oportunidades de acesso e tempo para ler adequadamente (p. 50).

Dessa forma, compreende-se que, para formar leitores, não basta alfabetizá-los; a autonomia deve ser instigada, respeitando suas capacidades, de forma que a leitura seja compreendida e experimentada como uma prática acessível, prazerosa e possível.

⁴ Ao passo que se defende a leitura crítica como ideal, compreende-se a importância de leituras feitas pelo simples prazer, como ocorre frequentemente com a literatura, onde o leitor se familiariza com o texto escrito sem nenhuma responsabilidade de retorno. Compreensão crítica e social do conteúdo são derivados dessa leitura. No entanto, para Bamberger (1991) e Martins (1994), a fuga sistemática para o mundo da leitura do prazer se constituiria em um ato desprovido de espírito crítico, e, portanto, improdutivo.

⁵ Livros com fontes maiores, por exemplo, facilitariam a compreensão do texto para o leitor iniciante, ao passo que, gradualmente, mais ideias seriam apresentadas em intervalos menores de páginas.

3 SOBRE LITERATURA(S)

Literatura é um termo com vários significados possíveis, dependendo da interpretação de cada indivíduo e de cada contexto. O dicionário Aurélio registra pelo menos dez definições diferentes para este verbete, dentre elas:

1. Arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso.
2. O conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época.
- [...] 6. Conjunto de conhecimentos relativos às obras ou aos autores literários.
- [...] 9. Bibliografia (FERREIRA, c2004).

Destacando-se os significados mais recorrentemente atribuídos à literatura, temos que podem ser assim chamados os *trabalhos artísticos* cuja forma de expressão é a palavra (belas letras); o *estudo* das obras e autores literários, ou seja, os artistas das letras (a Literatura como disciplina); e o *conjunto de obras* relativas a um determinado assunto, período ou lugar (bibliografias especializadas, por exemplo).

Contudo, é muito mais frequente que se utilize a palavra Literatura referindo-se a obras artísticas e/ou ficcionais, sejam narrativas, poesias ou ensaios, distinguindo-as de material técnico/científico (como os livros acadêmicos) e leitura utilitária (como notícias de jornais ou revistas de informação geral) (VIEIRA, 2009). A literatura, como passaremos a considerá-la, portanto, não exige uma série de conhecimentos prévios do leitor para a perfeita compreensão da obra, nem se destina a um público tão específico que os demais não possam dela usufruir. A literatura, como abordada aqui, é universal.

Lajolo (1986) faz algumas reflexões sobre a linguagem literária, afirmando que não há, por exemplo, a necessidade de uso da norma culta para configurar uma obra como literatura, nem tampouco essa simples condição garantirá o caráter literário à obra. Da mesma forma, um texto coloquial pode ser considerado literatura.

O que torna qualquer linguagem isto ou aquilo é a situação de uso. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividades (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana (LAJOLO, 1986, p. 38).

Dessa forma, não é literatura somente a poesia rigidamente ritmada, ou o livro mais vendido da década, com ótima aceitação da crítica internacional; é também literatura o conto regional, as rimas cantadas na rua, a fábula local como canção de ninar, o cordel. Há que se considerar a existência de literaturas, no plural, tanto nos sentidos aceitos quanto nos sentidos atribuídos.

3.1 DA GRÉCIA ANTIGA AO BRASIL ATUAL

Para melhor compreendermos a literatura, é importante ter uma visão geral de sua história, desde as suas origens, quando nem sequer recebia esse nome⁶. Segundo Lajolo (1986), a literatura teve início com a poesia e teatro gregos, como uma atividade integrada à vida daquele povo, uma forma de exprimir sentimentos coletivos e se comunicar com seus deuses. Essa literatura incluía os gêneros épico (narração de histórias fantásticas geralmente centradas em um herói), dramático (representações teatrais em forma de tragédias ou comédias) e lírico (a palavra cantada, expressando sentimentos) (CABRAL, [2010?]).

Com a expansão da cultura ocidental através do domínio grego, seus costumes, incluindo a literatura e sua discussão, também se reproduziram. À medida que cada povo as incorporava à sua própria cultura, adaptações foram sendo feitas para a adequação ao sistema social vigente (LAJOLO, 1986). Séculos depois, na Idade Média, a literatura (ou, pelo menos, aquilo que se considerava literatura: a palavra escrita, clássica) ficou restrita aos grupos dominantes, à nobreza e ao clero.

Desenvolveram-se, então, as trovas e as novelas de cavalaria nas cortes europeias (LAJOLO, 1986). Nesse período, destaca-se o estilo trovadoresco, com suas canções de amor e de amigo, de escárnio e de maldizer. Novamente, a literatura demonstra sua relação com a realidade social. Ao passo que as canções de amor e de amigo ressaltavam o eu lírico do poeta, a poesia de escárnio e maldizer eram críticas – diretas ou indiretas – à sociedade, a indivíduos específicos ou à hipocrisia religiosa (GOMES, 2007), temas considerados tabus.

Com a colonização portuguesa, a literatura também chegou ao Brasil. Acompanhando os estilos literários de Portugal, teve início em nosso país a literatura

⁶ A palavra Literatura tem origem no latim *litteratura*, oriunda de *littera*, que significa letra (LAJOLO, 1986, p. 29). Assim, a literatura assume uma relação direta com a palavra escrita.

de informação trazida pelos viajantes; o barroco e o arcadismo, tendo sequência no período nacional, com o romantismo, realismo-naturalismo, parnasianismo, simbolismo, pré-modernismo, modernismo e pós-modernismo (GOMES, 2007; BOSI, 2007).

Para Vieira (2009), o escritor de literatura passou a se interessar pelo leitor como sujeito participante do texto durante o período literário chamado simbolismo, no qual a subjetividade cobra a presença do leitor. “Ao adotar como temática o vago e o impreciso [...] os simbolistas atribuíram ao leitor a descoberta de sensações não descritas, mas apenas sugeridas no texto” (VIEIRA, 2009, p. 43).

A partir do século XVII, tal reconhecimento passou a ser impresso no “metatexto”, em que a existência do leitor não só é percebida, mas inserida nas obras de literatura. Vieira (2009) cita diversas obras conhecidas em que a temática é centrada no autor, no leitor, na produção ou leitura de textos e livros, dentre elas *A paixão segundo G.H.* e *Felicidade clandestina*, de Lispector, e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. A literatura é, assim, retratada em si mesma. Não se considera mais o texto desvinculado do leitor, mas direcionado a ele, com o objetivo de que “experimente uma visão particular dos objetos ao invés do reconhecimento automático” (VIEIRA, 2009, p. 44).

É interessante notar que, no Brasil, a literatura seguiu os mesmos caminhos que na Europa, embora tardiamente. Com a modernidade e o movimento da industrialização, a literatura passou a ser considerada um produto, não mais voltado somente às elites, mas também distribuído entre as massas. Segundo Lajolo e Zilberman (2004), era comum, por exemplo, no século XIX, a leitura de textos de autores nacionais publicados em jornais, como crônicas, poemas, folhetins e críticas.

Dando um salto até os nossos dias, notamos que ainda há muito a fazer para que o ato de ler se popularize, de fato. Segundo a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (RESULTADOS..., 2008, p. 162), apenas 35% dos brasileiros incluem a leitura em seu tempo livre, dissociado do trabalho ou dos estudos. Ainda assim, vemos resultados positivos.

Com o advento da Internet, muitos previram erroneamente (ou, ao menos, sua teoria tem se mostrado improvável até o momento) o fim dos livros e das bibliotecas. No entanto, um exemplo prático de que as novas tecnologias podem favorecer a laicização da leitura são os dados relativos ao portal Domínio Público, do Ministério da Educação, do qual, segundo Lázaro e Beauchamp (2008, p. 77), mais

de 7 milhões de cópias de obras de literatura brasileira já foram baixadas. Outro dado interessante é explicitado por Failla (2008, p. 96): os índices de leitura entre jovens até os 18 anos de idade dobrou de 2000 para 2007, embora 45% dos estudantes que participaram dessa pesquisa afirmem que sua leitura se dá por obrigação, enquanto apenas 26% o fazem por prazer.

3.2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Apesar de a literatura ter conhecido vários períodos e movimentos, nos quais as obras produzidas variavam em tema, estilo e público, a literatura direcionada a crianças teve um início bastante recente se comparada à literatura “adulta”. Isso porque, até o século XVII, a criança não era encarada pela sociedade de forma diferenciada. A produção de obras escritas voltadas para o público infantil teve origem, pois, não como uma demanda literária, mas pedagógica (ZILBERMAN, 2003, p. 44).

O conceito de infância como uma faixa etária diferenciada e merecedora de atenção igualmente distinta surgiu com a burguesia a estimular a instituição familiar e os papéis que cada membro da família deveria assumir – o pai como trabalhador, a mãe como mantenedora da ordem doméstica e os filhos como futuros cidadãos que exerceriam os mesmos papéis. Isso porque, dada a revolução industrial e o êxodo do campo para as cidades, a mão-de-obra especializada se tornou preferível, do que advinha a inserção obrigatória das crianças nas escolas e dos adultos nas fábricas. Assim, as primeiras produções literárias direcionadas para as crianças tinham como objetivo inicial cristianizá-las e as catequizar, educando segundo as normas vigentes. Com o antropocentrismo difundido a partir do Renascimento, a literatura infantil assumiu outros objetivos formativos e de entretenimento (SOUSA, 2010; LAJOLO; ZILBERMAN, 2004; ZILBERMAN, 2003).

No século XVIII, por exemplo, foram escritas obras que ainda hoje perduram no seio da literatura infantil, com destaque para autores como Charles Perrault, autor de *O Gato de Botas*, *A Gata Borralheira*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela adormecida*, *Barba Azul*, *O Pequeno Polegar*, dentre outros.

O movimento de industrialização teve e tem continuidade até hoje. A esse respeito, Lajolo e Zilberman (2004, p. 119) comentam:

O processo de modernização da sociedade [...] beneficiou a cultura brasileira, na medida em que proporcionou condições de produção, circulação e consumo dos bens de que aquela se constituía. A literatura infantil também foi favorecida, já que a indústria de livros se solidificou e a escola, cujo resultado mais imediato é o acesso à leitura, se expandiu.

Voltadas principalmente para a literatura infantil a ser usada nas escolas, aumentaram nos anos 1960 e 1970 as instituições que visavam editar e publicar obras infantis, como a Fundação do Livro Escolar, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil, dentre outras (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004), buscando dar uma resposta à preocupação causada pelos baixos índices de leitura. As instituições privadas logo perceberam um nicho de mercado nessa área e investiram na produção especializada com ferramentas de apoio, como fichas de leitura, questionários, roteiros de compreensão e outros, valendo-se não somente de obras puramente didáticas, mas também dos clássicos da literatura infantil, como *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll; os contos dos irmãos Grimm; *Peter Pan*, de J. M. Barrie; *O Mágico de Oz*, de Frank Baum; e outros, popularizando-os.

Essas obras não foram exploradas apenas pelo mercado editorial, mas, por toda a indústria do entretenimento, produzindo filmes e jogos, como adaptações, da mesma forma como se dá com as obras de literatura atuais, sendo a série Harry Potter um exemplo disso.

3.2.1 O texto literário e a escola

Leitura e escola têm uma ligação direta e irrefutável. Isso porque a leitura demanda uma série de habilidades que, se nem sempre são adquiridas no ambiente escolar, menos ainda são desenvolvidas fora dele. E, ainda, a relação Literatura x Escola pode ser analisada sob dois enfoques: a presença do texto literário na escola, sendo esta promotora daquele, e a influência da literatura no desempenho dos alunos.

O uso de textos literários no ensino, seja em disciplinas relativas à linguagem ou a outros campos do conhecimento, “implica, por um lado, desenvolver as competências e habilidades essenciais de leitura e, de outro lado, criar e fortalecer o amor pelos textos” (WITTER; SILVA, 2009, p. 78). Não se trata apenas de trabalhar a linguagem, mas as competências relativas à compreensão escrita do

estudante. Lázaro e Beauchamp (2008) acreditam que escolas que promovem programas de leitura direcionados para seu desenvolvimento e para o prazer em tal prática têm obtido bons resultados, e afirmam:

A leitura prazerosa é, de fato, um dos mais importantes caminhos para o desenvolvimento de outras habilidades intelectuais, com forte impacto em todo o aprendizado. É por ela que o aluno tem acesso às diferentes áreas do conhecimento (LÁZARO; BEAUCHAMP, 2008, p. 77).

A prática da leitura fortalece a si mesma. Seu exercício, com o tempo, se torna um hábito, cada vez mais automático – não no sentido mecanicista, desprovido de significado, mas, no que diz respeito à facilidade com que acontece. E a literatura representa uma grande contribuição para essa prática, primeiramente por ser adaptada ao jovem, mais fácil de ler, compreender e sentir, e também por ser marcante. Assim, “trata-se de ficção que pode ter melhor resultado na formação inicial do leitor. São textos que servem para formar em termos *motivacionais* e de competências para leituras posteriores, mais sofisticadas [...]” (WITTER; SILVA, 2009, p. 76, grifo nosso).

Contudo, não basta que os livros didáticos ou a biblioteca escolar disponham de textos de literatura que atraiam os alunos. Segundo Lázaro e Beauchamp (2008), a escola brasileira tem dado acesso à leitura, mas não tem formado leitores. Sua pesquisa indica que, embora leiam mais, a tendência dos jovens para a leitura têm diminuído à medida que concluem sua qualificação. A formação não acontece sozinha, por conta própria: há que haver um mediador. Neste caso, Witter e Silva (2009, p. 76) destacam a importância de o educador ter em si aquilo que deseja repassar a seus estudantes:

Para ter êxito em tão importante missão, o professor não só precisa ele próprio ser um amante da leitura e especialmente de textos literários, mas também conhecer as inúmeras estratégias e tecnologias de ensino, hoje disponíveis e de eficiência comprovada cientificamente para trabalhar bem com este tipo de material.

O mesmo se dá com o bibliotecário, esteja ou não inserido no contexto escolar. Não se pode compartilhar aquilo que não se possui. Dessa forma, o profissional da informação deve estar familiarizado com a leitura e suas particularidades, assim como com os métodos para motivar o indivíduo a essa prática. Não basta dar acesso aos livros – é preciso motivar o *querer* lê-los.

3.3 LEITURA DE LITERATURA

Marisa Lajolo (1986, p. 45) afirma que a literatura é “o mundo do possível”. Confrontando as opiniões de Platão e Aristóteles, defende a visão de que, enquanto a história narra o que realmente aconteceu, o que pode acontecer fica por conta da literatura. De fato, a literatura não impõe limites para a imaginação.

Sobre o processo de criação de novas realidades, ou interação entre o mundo real e o mundo possível, Silva (2004, p. 22) afirma:

Movido por um sentimento de mundo e recebendo influências desse mundo, o escritor articula idéias, transforma referenciais da realidade no sentido de viver a experiência da criação [...]. Através dos elementos da obra (personagens, tempo, espaço), devidamente trançados, o autor dá forma e expressa uma perspectiva cultural – perspectiva essa que se origina de sua ideologia, de seu universo de valores, de sua maneira peculiar de refletir e ver a realidade.

Ainda assim, por mais mágica que possa ser a literatura em seu conteúdo, ela não se desvincula da realidade. Muitos poderiam considerar o aspecto crítico como inapropriado à literatura infantil. Contudo, como afirma Silva (2004, p. 22),

o bom escritor, autenticamente revolucionário, não é alheio aos problemas e às contradições do seu tempo e do seu contexto. Pelo contrário, através de sua percepção crítica aguçada, ele desentranha, desmascara, torna visível os problemas vividos em sociedade.

Tendo caráter formativo, “interessa à literatura produzir efeitos que levem o público leitor a participar, a atuar na transformação da realidade” (CANCLINI, 1980 *apud* SILVA, 2004, p. 23). Como cidadãos em formação, é apropriado e desejável que as crianças e jovens tomem conhecimento da sociedade em que vivem e das diversas formas de encará-la para que possam, eles mesmos, produzir suas próprias visões de mundo. Mesmo a literatura fantástica, por vezes utópica, não é escapista: não é somente uma fotografia da realidade, mas um projeto de como a realidade poderia ser (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004). E é justamente por meio da linguagem simbólica, à qual estão mais receptivas as crianças e jovens, que a literatura atinge o campo afetivo e sensível de seu ser, de forma que podem absorver muito mais facilmente as mensagens transmitidas.

Neste sentido, a leitura em nível emocional (ver 2.1.1) cumpre um papel importante:

De repente, somos como que fisgados pelo texto e empaticamente acompanhamos as personagens no miolo da trama [...]. No prazer gerado pela complexidade e oscilação dos significados – decorrência natural do movimento de nossa consciência no adentramento do texto literário – vamos conhecendo e compreendendo melhor o mundo e a nós mesmos (SILVA, 2004, p. 21).

É devido ao caráter afetivo e sensível das obras de literatura, ao alcançar o íntimo do leitor por meio de recursos ficcionais que imitam a realidade vivida, que a mensagem se processa, de forma sutil e duradoura. Muitos, em sua experiência como leitores, são marcados por histórias ou passagens de textos que leram e que modificaram sua maneira de pensar de forma efetiva.

Há que se notar que somente pode haver uma modificação ou maturação de pensamentos quando a mensagem é compreendida pelo leitor e reconstruída por ele mesmo, assimilando-a e relacionando-a com suas experiências de vida. Por mais distantes que sejam as circunstâncias em que se narra uma história, sempre há elementos que possibilitam ao leitor trazer para a sua realidade aquilo que lê. E no público infanto-juvenil, devido à maior receptividade que apresenta, a literatura exerce esse poder de forma muito mais potencializada (MARTINS, 1994; LAJOLO, 1986).

4 HARRY POTTER E SEUS LEITORES

Incluída no rol de grandes séries e livros voltados para o público infanto-juvenil da atualidade, Harry Potter é uma das obras da literatura contemporânea que merece destaque. Eleito por muitos brasileiros como o livro mais marcante de suas vidas (Anexo A), reúne fãs não somente no país, mas em todo o mundo.

O primeiro volume da série, Harry Potter e a Pedra Filosofal (no original: Harry Potter and the Philosopher's Stone) foi publicado no Brasil em 2000, tradução da versão inglesa, publicada em 1997. Seguido por outros seis volumes, ganhou repercussão e conquistou público logo nas primeiras edições, sucesso demonstrado pela publicação em mais de 200 territórios e 69 idiomas (ROWLING, [2011]).

No ano 2001, foi lançada a primeira adaptação cinematográfica da obra, relativa ao primeiro volume, com título homônimo, alcançando a segunda maior venda de bilheteria de todos os tempos até então (ROWLING, [2011]). Também foram produzidos diversos jogos eletrônicos para várias plataformas, além de outros artigos comerciais.

4.1 A AUTORA

Joanne Kathleen Rowling (Figura 1), a autora da série, nasceu em 31 de julho de 1965 na Inglaterra. Tendo-se graduado na Exeter University, Rowling ensinou Inglês em Portugal, onde conheceu e se casou com o jornalista Jorge Arantes. Juntos, tiveram uma filha chamada Jessica, nascida em 1993. Em 2001, casou-se novamente, com o Dr. Neil Murray, tendo com ele dois filhos: David, em

Figura 1 – Joanne Kathleen Rowling



Fonte: ROWLING, 2011.

2003, e Mackenzie, em 2005 (A&E TELEVISION NETWORKS, c2012).

A ideia de escrever a série Harry Potter surgiu em uma viagem de trem que fez em 1990, de Manchester a Londres. Rowling começou a trabalhar nos livros após o seu retorno para a Inglaterra com a filha, depois do

divórcio com o primeiro marido. Houve uma série de rejeições até que Rowling finalmente vendeu o primeiro livro, e a série começou a ter visibilidade (A&E TELEVISION NETWORKS, c2012).

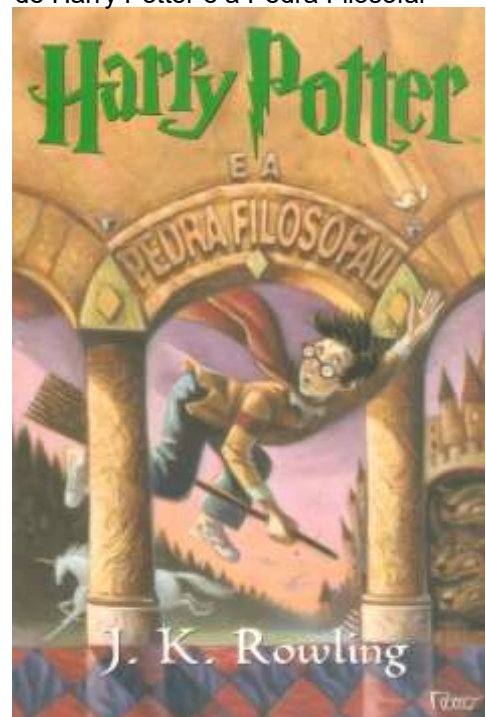
A autora recebeu várias titulações internacionais, como a de membro da *Order of the British Empire*, *Chevalier de la Legion d'Honneur* e *Prince of Asturias Award for Concord*, assim como graus honoríficos da University of Exeter, University of Edinburgh, Dartmouth College e Harvard University, e prêmios, como *The Edinburgh Award*, *Commencement Speaker*, *James Joyce Award*, dentre outros, devido ao seu trabalho filantrópico relacionado à caridade e à publicação de obras infantis. Atualmente, Rowling trabalha em um novo projeto de romance para adultos (ROWLING, [2011]).

4.2 CONTEÚDO

A série se divide em sete volumes, contando com três livros extras, títulos usados pelos estudantes da série em suas aulas e pesquisas.

O primeiro livro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (Figura 2), introduz a história do protagonista, um garoto órfão chamado Harry Potter. Morando com os tios, dormindo em um armário sob a escada, o menino viveu seus primeiros onze anos de vida desconhecendo sua real natureza – Harry é um bruxo, assim como foram seus pais. Sem saber que, em seu mundo, é um nome famoso, Harry recebe uma carta, convidando-o a ingressar na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts (Figura 3). Impedido de ler a carta pelo seu tio Válder Dursley, algum tempo se passa até que um representante do colégio vá buscá-lo e revele a ele a verdade. Aos poucos, ele descobre aquilo de que foi privado em sua infância: o valor da amizade, a magia que corre em suas veias, a história sobre a morte de seus pais e queda de seu assassino, sobre a curiosa

Figura 2 – Capa da edição brasileira de Harry Potter e a Pedra Filosofal



Fonte: ROWLING, 2000b.

Figura 3 – Brasão de Hogwarts



Brasão da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, contendo seu lema em latim: “nunca cutuque um dragão adormecido”.
 Fonte: ROWLING, 2000b.

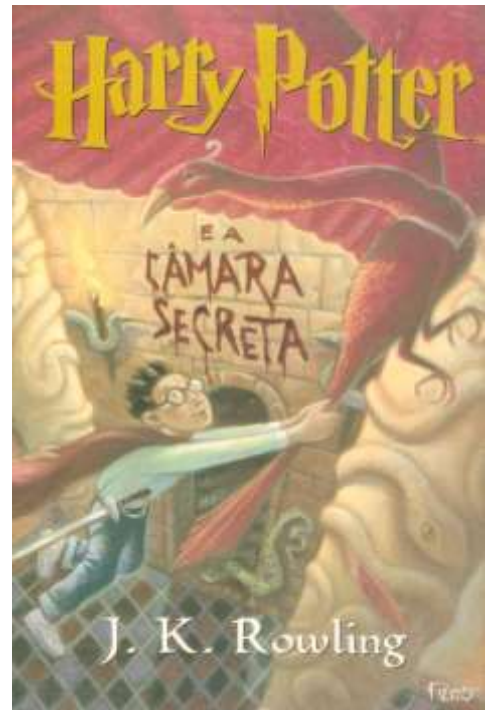
cicatriz em forma de raio que leva em sua testa e sobre todo um universo oculto aos “trouxas”⁷.

O enredo do primeiro volume gira em torno da Pedra Filosofal, objeto mágico de grande valor que transforma qualquer metal em ouro puro, além de produzir o elixir da vida. Alarmado pelas evidências do retorno de Lord Voldemort (bruxo das trevas que assassinou os pais de Harry), Alvo Dumbledore, diretor de Hogwarts e principal opositor ao Partido das Trevas,

toma providências para manter a Pedra em segurança, guardando a jóia em uma sala protegida na escola. Ao lado de seus amigos, Rony Weasley e Hermione Granger, Harry descobre a existência da Pedra e os planos de Voldemort para dela se apossar, usando um dos membros do corpo docente, que atua como seu aliado. Após várias desventuras, Harry enfrenta seu rival para impedir que Voldemort recupere o poder (ROWLING, 2000b).

Após as férias de verão, Harry retoma sua aventura, narrada no segundo volume da obra: *Harry Potter e a Câmara Secreta* (Figura 4). Foi publicado na Inglaterra em 1998, com o título *Harry Potter and the Chamber of Secrets*, e traduzido no Brasil no ano 2000. Contém o relato do segundo ano escolar de Harry, o qual é alertado pelo elfo doméstico⁸ Dobby a não voltar para a escola, pois há uma trama secreta para a morte do jovem bruxo. Contudo, Dobby não consegue convencê-lo, e Harry parte em direção a Hogwarts.

Figura 4 – Capa de Harry Potter e a Câmara Secreta



Fonte: ROWLING, 2000a.

⁷ Pessoas comuns, desprovidas de magia.

⁸ Criaturas mágicas extremamente devotas, que servem a famílias de bruxos (geralmente, as mais abastadas).

Ao chegar, Harry se vê em um ambiente repleto de mistério e perigo, causado por uma ameaça oculta, uma lenda antiga que remonta à fundação do colégio, despertada por inscrições feitas a sangue nas paredes do castelo. Hogwarts fora fundada pelos quatro maiores bruxos de sua época: Godric Gryffindor, Helga Hufflepuff, Rowena Ravenclaw e Salazar Slytherin. Slytherin defendia que somente os bruxos de sangue puro – ou seja, aqueles que provinham de famílias inteiramente mágicas – tinham o direito de aprender magia, enquanto os demais fundadores discordavam. Após diversas discussões, Slytherin deixou a escola, ameaçando, porém, ter deixado nela algo que, no futuro, expurgaria o colégio de todos os que eram indignos de seu legado.

No decorrer do ano letivo, a lenda se prova mais do que apenas um mito: diversos alunos, além de uma gata, são encontrados petrificados sem qualquer explicação; ameaças são feitas aos nascidos- trouxas, nas mesmas mensagens escritas a sangue nas paredes. Muitos temem que a vingança de Slytherin tenha começado a se concretizar, e o Ministério da Magia ameaça fechar a escola, para a segurança dos estudantes.

Hermione Granger finalmente descobre que o monstro do qual falava a lenda era um basilisco, conhecido na mitologia como o rei das serpentes, cujo simples olhar pode matar instantaneamente (ROWLING, 2000a, p. 245). Uma nova mensagem a sangue é escrita, revelando que uma garota fora levada pelo monstro – tratava-se de Gina Weasley, irmã do melhor amigo de Harry, Rony. Ao partir em sua busca pelo enorme castelo, Harry encontra a entrada da Câmara Secreta, construída por Slytherin. Lá, Harry tem de enfrentar Lord Voldemort mais uma vez, descobrindo que o mesmo ganhara forças durante aquele ano por meio de um diário que estivera em posse de Gina Weasley. O diário havia pertencido a Tom Riddle, nome de batismo de Voldemort, e fora enfeitiçado para seduzir seu portador, absorvendo sua força vital e a transferindo para o Lord das Trevas. Após derrotar o basilisco, Harry utiliza uma de suas presas venenosas para destruir o diário, destruindo, assim, também, o espectro de Voldemort (ROWLING, 2000a).

O terceiro episódio da série, publicado em 2000, é intitulado *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* (Figura 5), originalmente *Harry Potter and the prisoner of Azkaban* (1999) (ROWLING, 2000c). Com o primeiro fugitivo registrado na história da prisão bruxa de Azkaban à solta, diversas medidas de segurança são tomadas. Mas, tendo o fato de ser animago⁹ como um segredo a seu favor, Sirius Black, considerado culpado pela morte de Pedro Pettigrew, consegue penetrar no castelo de Hogwarts a fim de conversar com Harry.

Este, por sua vez, acaba descobrindo que Sirius, Pedro Pettigrew, Tiago Potter (seu pai) e o novo professor de Defesa contra as Artes das Trevas, Remo Lupin, eram amigos de infância, e que a versão oficial dos fatos fora totalmente distorcida diante da justiça bruxa. Sirius Black, o fugitivo – e padrinho de Harry! –, era inocente, e Pedro não morreria, mas esteve por anos disfarçado como rato de estimação de Rony Weasley. Harry dá a Sirius a oportunidade de escapar de seus perseguidores, os guardas de Azkaban, mas Pettigrew, o verdadeiro culpado, também escapa, e a verdade permanece em segredo.

O quarto volume da série, “Harry Potter e o Cálice de Fogo” (Figura 6), cuja tradução para o português foi feita em 2001 a partir de *Harry Potter and the Goblet of Fire* (2000), tem início ainda em suas férias de verão, quando é convidado pelos Weasley a assistir a um dos jogos da Copa Mundial de Quadribol, o esporte dos bruxos. Harry tem grande interesse pelo quadribol, pois, assim como fizera seu pai quando estudante, ele representa a sua Casa¹⁰ em Hogwarts. Após o jogo, contudo, um grupo de bruxos encapuzados causa diversos transtornos, enfeitando pessoas e ateando fogo às barracas do lado de fora do estádio. A figura de um crânio,

Figura 5 – Capa de Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban



Fonte: ROWLING, 2000c.

⁹ Bruxos que podem se transformar em um animal sempre que desejarem, sem o auxílio de suas varinhas e mantendo a consciência humana.

¹⁰ Os alunos de Hogwarts são divididos em quatro Casas: Grifinória, Corvinal, Sonserina e Lufa-Lufa. As Casas são como suas famílias enquanto estão na escola. Os estudantes são selecionados pelo Chapéu Seletor, que pertencera a Godric Gryffindor, fundador da Grifinória.

com uma serpente saindo pelo orifício bucal, é projetado no céu, tracejado por estrelas cor de esmeralda – trata-se da Marca Negra, a marca de Lord Voldemort e de seus seguidores, os Comensais da Morte. Harry e seus amigos conseguem retornar em segurança, mas os sinais de que Voldemort ganha cada vez mais forças se tornam inegáveis.

Ao retornar ao colégio, Harry ganha uma nova distração: o Torneio Tribruxo, uma competição entre três famosas escolas de magia que será sediada em Hogwarts. As escolas Durmstrang, do norte europeu, e Beauxbatons, da França, enviam comitivas para Hogwarts, onde será realizado o torneio. Um aluno de cada uma das três escolas deve ser escolhido. Misteriosamente, porém, o Cálice de Fogo, instrumento utilizado para o sorteio dos campeões, indica um quarto participante: Harry Potter. Harry nem mesmo se candidatara ao torneio, pois só eram permitidos campeões acima dos 17 anos – maioria legal na sociedade bruxa.

Confuso, com medo e correndo perigo de vida, Harry é obrigado a realizar as tarefas do torneio, assim como os demais estudantes selecionados.

A primeira delas é resgatar um ovo de dragão, protegido por um dragão real. Harry tem de usar todas as suas habilidades em vôo para capturar o ovo, que contém dicas importantes para a segunda tarefa. Esta, por sua vez, consiste em recuperar, do fundo do Lago Negro, algo precioso que fora tomado dos campeões durante a noite que precedia a tarefa. Trata-se, na verdade, de uma pessoa querida, que estava sob a guarda dos sereianos¹¹. Ao fim da terceira e última tarefa do Torneio – um labirinto repleto de obstáculos mágicos que provam a coragem e a destreza dos campeões – Harry e Cedrigo Diggory, o primeiro campeão de Hogwarts, são transportados para um cemitério. Acontece que a Taça Tribruxo fora enfeitiçada pelo mesmo bruxo que

Figura 6 – Capa de Harry Potter e o Cálice de Fogo



Fonte: ROWLING, 2001b.

¹¹ Criaturas aquáticas que vivem em colônias, semelhantes às sereias da literatura trouxa.

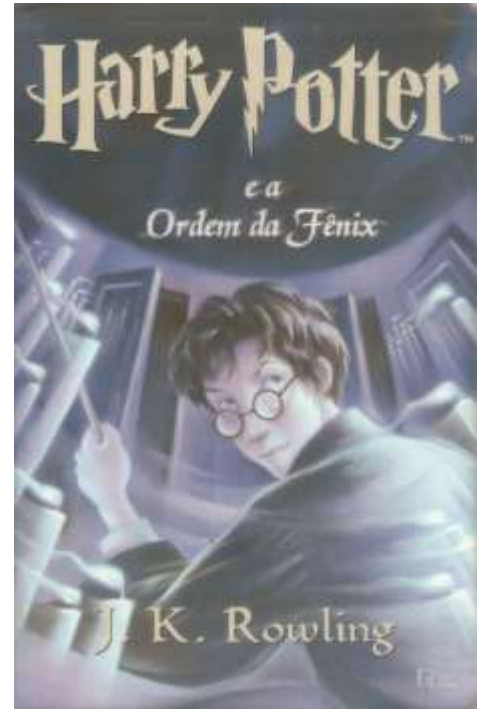
enfeitiçara o Cálice para selecionar Harry como um campeão, e que o ajudara a chegar à última tarefa: um Comensal da Morte disfarçado de Alastor Moody, o professor de Defesa contra as Artes das Trevas.

Cedrico é imediatamente assassinado por Pedro Pettigrew, outro dos seguidores de Voldemort. O Comensal da Morte prende Harry a uma escultura de pedra e, com seu sangue, realiza um ritual que dará um novo corpo e novos poderes ao seu amo. Harry é obrigado a assistir à volta de Lord Voldemort a seus plenos poderes, é torturado e, por pouco, não foi assassinado. O protagonista consegue escapar, voltar ao colégio com o corpo de Diggory e contar a Dumbledore que Voldemort finalmente havia retornado (ROWLING, 2001b).

No quinto ano escolar de Harry, Dumbledore e o garoto anunciam o retorno do Lord das Trevas ao mundo mágico. Mas, a sociedade bruxa os ignora; Dumbledore, o diretor de Hogwarts, que confirma a história de Harry, é desacreditado por seus pares e uma extensa campanha do Ministério contra o garoto e o diretor tem início. No enredo de *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (Figura 7), traduzido de *Harry Potter and the Order of the Phoenix*, ambos publicados em 2003, tanto Harry quanto Dumbledore são taxados de mentirosos, o que leva o Ministério da Magia a estabelecer novas diretrizes de ensino, supervisionadas por Dolores Umbridge, que passa a ensinar Defesa contra as Artes das Trevas em Hogwarts. Aplicando medidas rigorosas de disciplina e castigo, Umbridge nega aos alunos o direito de aprender feitiços defensivos, de forma que Hermione, Rony e Harry criam a Armada de Dumbledore, um grupo de estudos clandestino para a prática desse tipo de magia.

Enquanto isso, Lord Voldemort, na tentativa de destruir Harry e de se apossar da profecia que deu início à perseguição aos Potter, atrai o herói para a sede do Ministério, onde é travada uma batalha entre os Comensais da Morte e a Ordem da Fênix, grupo organizado e liderado por Dumbledore contra o Partido das

Figura 7 – Capa de Harry Potter e a Ordem da Fênix



Fonte: ROWLING, 2003.

Trevas. A profecia, contida em uma esfera azulada de vidro, acaba sendo destruída na batalha, mas, Harry consegue ouvir um trecho de seu conteúdo: “nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver” (ROWLING, 2003, p. 679), e compreende o motivo que levou Voldemort a perseguir sua família. Arrasado pelo assassinato de seu padrinho, Sirius Black, durante a batalha no Ministério, Harry retorna a Hogwarts; as evidências de que Voldemort voltara não podem ser mais ignoradas pelo Ministério, e a bruxidade mergulha novamente em uma era de escuridão.

O sexto livro, *Harry Potter e o enigma do Príncipe* (Figura 8), foi publicado no Brasil em 2005, originalmente publicado em inglês com o título *Harry Potter and the half-blood Prince*, no mesmo ano. O título faz alusão ao Príncipe Mestiço, antigo proprietário de um velho livro de poções que Harry encontra em sua sala de aula, contendo diversas anotações e rabiscos que revelam a grande habilidade do Príncipe e tornam Harry um dos alunos favoritos de Horácio Slughorn, o Mestre de Poções. Harry acaba sabendo que o livro pertencera, na verdade, a Severo Snape, seu antigo professor de Poções e, então, de Defesa contra as Artes da Trevas. Snape adotava quando estudante o sobrenome de sua mãe, Prince¹², que era uma bruxa, ao invés do nome paterno de trouxa.

Neste volume, Dumbledore decide revelar a Harry vários detalhes da história de Voldemort, que o jovem desconhecia. O diretor não o fizera antes devido à tenra idade de Harry, mas, diante dos fatos recentes, não havia como adiar as coisas na espera de que o herói estivesse pronto. Por meio de memórias coletadas de vários bruxos, Harry fica conhecendo as circunstâncias do nascimento de Tom Riddle, sua infância, sua popularidade quando jovem e de como foi, aos poucos, assumindo o poder e se tornando um bruxo das trevas e, principalmente, qual era o segredo que lhe conferia tanto poder.

Figura 8 – Capa de Harry Potter e o enigma do Príncipe



Fonte: ROWLING, 2005.

¹² Em inglês, Prince significa “príncipe”.

Assim, se inicia a caçada pelas Horcruxes – objetos que tornavam Voldemort imortal –, e a tentativa de destruí-las, dando a Harry, assim, a chance de derrotar de uma vez por todas o seu maior inimigo. Duas delas já haviam sido destruídas: o diário de Tom Riddle e um anel que pertencera à sua família materna, os Gaunt. Dumbledore descobre uma terceira Horcrux e dá a Harry a oportunidade de o acompanhar na viagem, durante a qual Hogwarts é tomada pelos Comensais da Morte. O diretor acaba por ser assassinado em seu retorno à escola e, desolado, Harry decide partir em busca das outras Horcruxes e completar a tarefa a que seu querido diretor lhe incumbira (ROWLING, 2005).

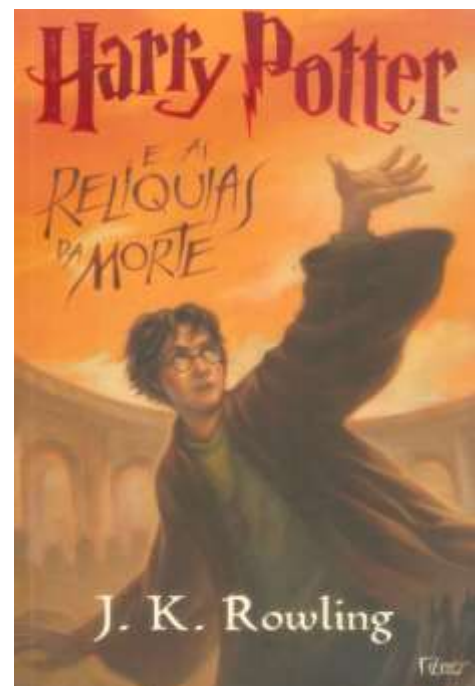
Harry Potter e as Relíquias da Morte (Figura 9) foi lançado em 2007, tanto no Brasil quanto na Inglaterra, onde recebeu o título *Harry Potter and the Deathly Hallows*. Contém a história das Relíquias da Morte, objetos lendários cuja posse confere ao seu portador, ao menos em teoria, o poder de ser o Mestre da Morte. O volume narra a derradeira tentativa do herói bruxo a fim de fazer justiça.

Partindo com seus amigos, Harry caça as Horcruxes restantes, descobrindo que uma delas está escondida justamente onde passou seus últimos anos: em Hogwarts. Depois de invadir Gringotes, o banco bruxo, para recuperar a quarta Horcrux, Harry, Ron e Hermione rumam para seu antigo colégio, encontrando-o totalmente diferente de quando fora dirigido por Dumbledore. Os aliados de Voldemort notam a presença do grupo e a informam ao seu mestre, desencadeando uma batalha sem precedentes, com palco na própria escola, envolvendo bruxos, gigantes, lobisomens, dementadores¹³, aranhas, plantas e outros seres mágicos.

Voldemort acredita-se invencível, com suas Horcruxes e a Varinha das Varinhas, uma das Relíquias da Morte, ignorando, porém, que Harry é seu verdadeiro mestre devido a uma cadeia de incidentes que Harry somente pôde perceber algum tempo antes de enfrentar

¹³ Criaturas das trevas que se alimentam das boas lembranças e da esperança de suas vítimas. São os guardas de Azkaban, que se aliaram a Voldemort.

Figura 9 – Capa de Harry Potter e as Relíquias da Morte



Fonte: ROWLING, 2007.

Voldemort. Após destruir todas as Horcruxes, Harry batalha novamente contra seu inimigo e, ao se defender do feitiço letal com o qual seu oponente tenta matá-lo, faz a maldição ricochetear e atingir o feiticeiro das trevas. Voldemort é finalmente derrotado, e a sociedade bruxa ganha uma nova oportunidade de viver em paz – assim como Harry (ROWLING, 2007).

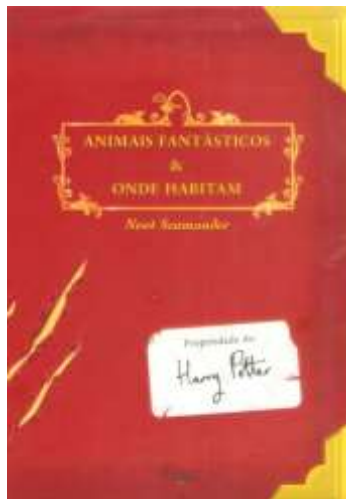
Diversos detalhes da obra a tornam única. A coesão entre os sete volumes que a compõem, detalhes complexos que obrigam o leitor a raciocinar, apesar da linguagem fácil e acessível com que foram escritos os livros, as emoções provocadas em diversas ocasiões, o amadurecimento do herói, acompanhado por seus leitores. Todos estes elementos contribuem para que Harry Potter seja uma série tão bem sucedida, cuja história é fixada na mente e no coração de seus fãs. Não se trata apenas de uma narrativa, mas de significados implícitos na trajetória de Harry, tornando a leitura fascinante.

Além dos sete livros oficiais, outros foram escritos por Rowling a fim de complementar a compreensão e o entretenimento dos leitores. São eles: *Animais fantásticos & onde habitam* (ROWLING, 2001a), *Quadribol através dos séculos* (ROWLING, 2001c) e *Os contos de Beedle, o Bardo* (ROWLING, 2008). Tanto o primeiro quanto o segundo títulos são, originalmente, livros didáticos usados pelos alunos de Hogwarts durante seu ensino formal.

O primeiro deles (Figura 10) trata sobre as diversas criaturas mágicas espalhadas pelo mundo, ocultas ao olhar dos trouxas. Contando com uma introdução geral sobre o assunto e uma lista alfabética, em que são classificados os animais por risco que apresentam ao homem, o livro, escrito sob o pseudônimo de Newt Scamander, habilita o leitor a conhecer o mundo criado por Rowling (2001a).

Quadribol através dos séculos (Figura 11) é voltado para aqueles que gostam de esportes. O

Figura 10 – Animais fantásticos e onde habitam



Fonte: ROWLING, 2001a.

Figura 11 – Quadribol através dos séculos



Fonte: ROWLING, 2001c.

quadribol é um jogo bruxo, jogado com três tipos de bola: os balaços, que voam aleatoriamente, com velocidade e força surpreendentes, tentando atingir os jogadores; a goles, com a qual se marcam os gols; e o pomo de ouro, uma minúscula bola alada. Cada time é composto por sete jogadores montados em vassouras, com diferentes objetivos: há dois batedores, que rebatem os balaços contra o time inimigo, protegendo seus próprios companheiros; três artilheiros, que procuram marcar gols com a goles em um dos três aros erguidos a vários metros de altura; um goleiro, que defende os aros; e um apanhador, que tenta capturar o pomo de ouro. Cada gol equivale a 10 pontos para o time que o marcar, e a posse do pomo garante ao apanhador 150 pontos. Quando o pomo é capturado, a partida termina, e o time que fizer mais pontos vence (ROWLING, 2001c, 2000b).

E, por fim, o livro mais recente lançado pela autora se intitula *Os contos de Beedle, o Bardo* (Figura 12). Este pequeno volume reúne cinco contos voltados para crianças bruxas, visando ensiná-las, assim como muitos contos de fadas escritos na realidade, para crianças “trouxas” (ver 3.2). Uma dessas histórias, O Conto dos três irmãos, dá origem ao título do último volume da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007). Trata-se da lenda de três objetos mágicos – uma varinha invencível, uma pedra que traz os mortos de volta à vida e uma capa da invisibilidade –, dados de presente pela própria Morte ao trio de habilidosos irmãos que conseguiram escapar-lhe. Tais relíquias tornariam quem as possuísse o “Senhor da Morte”, mas, como indica o desenrolar do conto, buscar dominar aquilo que está além do alcance humano só traz prejuízos, e é preciso compreender e respeitar as limitações de nossa natureza (ROWLING, 2008).

Em suma, o livro reúne histórias que incentivam, de forma indireta, a ideia de que todos são iguais e de que não deve haver distinção entre os seres humanos, tais ideias sendo apoiadas por comentários feitos pela autora sob o pseudônimo de Alvo Dumbledore, personagem querido e admirado por muitos dos leitores da série. Além disso, apoia valores como dizer a verdade, ajudar o próximo, não se isolar ou minimizar a importância do amor e da humildade, expressando tais princípios por meio do enredo, das ações e consequências que se usa nos contos de fada de nosso cotidiano.

Figura 12 – Os contos de Beedle, o Bardo



Fonte: ROWLING, 2008.

O caráter educativo e moral percebido n'Os contos de Beedle, o Bardo também está presente em todo o enredo principal da série. Em diversas ocasiões, os personagens têm de lutar por aquilo que acreditam, como se empenhar para construir uma sociedade igualitária; sobrepujar o medo em favor daqueles a quem se ama; manter a união, mesmo em face de provas dolorosas de lealdade e de confiança; e se confrontar com a decisão de escolher entre fazer “o que é certo e o que é fácil” (ROWLING, 2001b, p. 527), assumindo seus papéis constantemente na luta entre o bem e o mal.

4.2.1 A biblioteca e os livros em Harry Potter

Em muitas das aventuras vivenciadas por Harry e seus companheiros, conhecimentos avançados de magia são necessários. Em alguns casos, o herói precisa contar com a sua coragem e bravura, mas, jamais conseguiria sair de determinadas situações sem a ajuda de sua amiga, Hermione Granger. Hermione é uma bruxa “nascida-trouxa”, o que significa que nenhum de seus pais ou parentes próximos possui poderes mágicos, como os dela. Ao receber a carta de Hogwarts, Hermione, sempre muito estudiosa e dedicada à leitura, adquire e lê vários livros relacionados à magia, mesmo antes do início das aulas.

Um destes livros é intitulado “Hogwarts, uma história” (ROWLING, 2000b, p. 104). O volume, que Hermione cita em diversas ocasiões, esclarece muitos dos mistérios da escola e relata a história de sua idealização e construção. Obviamente, há muitas coisas que o livro não esclarece, mas, se mostra uma fonte de informação sempre utilizada para resolver as complexas situações-problema em que os garotos se encontram.

Em um estudo sobre a visão de escola na série Harry Potter, Wortmann (2010, p. 113) destaca a importância do manuseio correto dos livros, além de sua importância em nível informacional, já que:

a formação em magia exige, assim, além do comparecimento sistemático às aulas, a consulta constante à bibliografia do campo (a magia), destacando-

se nessas histórias a importância que os livros têm para o encontro de soluções [...].

Hermione também é muito apegada à biblioteca da escola, à qual recorre com bastante frequência, sempre que surgem dúvidas a respeito de qualquer assunto. Embora a bibliotecária representada na ficção corresponda a um estereótipo negativo da profissão – exigindo sempre silêncio e aparentando mau humor, agindo como guardiã do saber, e não como sua difusora –, raríssimas são as vezes em que a biblioteca se mostra incapaz de atender às necessidades informacionais dos estudantes e funcionários da escola.

Essas necessidades de informação são diversificadas. Os estudantes procuram por livros-texto que os auxiliem em suas pesquisas escolares; Rúbeo Hagrid busca informações sobre como criar dragões; Harry e seus amigos buscam formas de auxiliar o herói em uma das tarefas do Torneio Tribruxo (ver 4.2), assim como vasculham recortes de jornais e livros de genealogia, a fim de identificar o Príncipe Mestiço (ROWLING, 2000b, 2000a, 2001b, 2005). Em um dos episódios da saga, a informação encontrada por Hermione sobre basiliscos em um dos livros da biblioteca é crucial para enfrentar a criatura e, assim, salvar aos alunos que correm risco de morte e à escola, que ameaça ser fechada em decorrência dos ataques (ROWLING, 2000a). Dessa forma, a biblioteca é delineada como um centro de conhecimento do qual se pode (e deve) lançar mão.

4.2.2 Leitura da realidade

Embora se trate de uma obra ficcional, em que se utilizam elementos fantásticos, como a magia e criaturas mitológicas, a sociedade apresentada na série Harry Potter tem muitas conexões com a realidade que vivemos diariamente. A maioria delas diz respeito às relações humanas, como a discriminação sofrida por determinados personagens com respeito a características particulares.

A família Weasley, por exemplo, é composta por nove membros: Arthur Weasley, o chefe da família, Molly, sua esposa, e seus sete filhos (ROWLING, 2000a, p. 39). O emprego de Arthur não lhe garante uma renda muito alta, sendo a família considerada pobre, principalmente pela quantidade de pessoas que a compõem. Rowling (2000a, p. 33) descreve a primeira visão que Harry tem da casa dos Weasley:

Parecia ter sido no passado um grande chiqueiro de pedra, a que foram acrescentando cômodos aqui e ali até ela atingir vários andares e era tão torta que parecia ser sustentada por mágica (o que, Harry lembrou a si mesmo, era provável)..

As condições financeiras dos Weasley não só lhe traziam limitações práticas como, também, problemas em outros âmbitos. Não apenas uma vez, a família Malfoy, uma das mais ricas e prestigiadas na sociedade bruxa da época, humilhou publicamente os Weasley por sua classe social. Draco, o filho do casal Malfoy, com frequência zombava de Rony Weasley por suas vestes pequenas e livros usados.

Uma relação de discriminação ainda mais séria se revela quando Harry descobre, acessando memórias de um de seus professores por meio de um instrumento chamado Penseira (ROWLING, 2001b, p. 437), que seu pai, quando jovem, também tinha tais práticas como hábito. Sem qualquer motivo aparente, o jovem Tiago Potter e seu amigo, Sirius Black, perseguiram inúmeras vezes um de seus colegas, Severo Snape, contra o qual praticavam magias ofensivas, submetendo-o a situações constrangedoras ao extremo.

- Como foi o exame, Ranhoso? - perguntou Tiago.
 - Eu vi, o nariz dele estava quase encostando no pergaminho - disse Sirius maldosamente. - Vai ter manchas enormes de gordura no exame todo, não vão poder ler nem uma palavra.
 Várias pessoas que acompanhavam a cena riram; Snape era claramente impopular. [...]
 Snape despejou um jorro de palavrões e azarações, mas com a varinha a três metros de distância nada aconteceu.
 - Lave sua boca - disse Tiago friamente. - *Limpar!*
 Bolhas de sabão cor-de-rosa escorreram da boca de Snape na hora; a espuma cobriu seus lábios, fazendo-o engasgar, sufocar...
 - Deixem ele em PAZ! [...] Que foi que ele lhe fez? [A pergunta fora feita por Lílian Evans, a mãe de Harry.]
 - Bom - explicou Tiago, parecendo pesar a pergunta -, é mais pelo fato de existir, se você me entende.
 [...] um segundo lampejo depois, Snape estava pendurado no ar de cabeça para baixo, as vestes pelo avesso revelando pernas muito magras e brancas e cuecas encardidas (ROWLING, 2003, p. 524, 525).

Fica evidente nesse trecho a prática de *bullying*¹⁴ por parte de Tiago Potter. Na obra, não somente tal realidade é exposta, mas também alguns de seus efeitos: Snape se tornou uma pessoa fria, isolada e amargurada.

¹⁴ Termo proveniente da palavra inglesa *bully*, “valentão”. Refere-se às ações e atitudes repressivas contra indivíduos ou grupos com o fim de agredir ou intimidar, verbal ou fisicamente, causando dor ou angústia, dentro de uma relação desigual de força ou poder (CAMARGO, [201-]).

Outro aspecto da série em que a realidade pode ser percebida é a discriminação que sofrem os chamados nascidos trouxas. Hermione, fazendo parte desse grupo, foi insultada por Draco Malfoy em tão grande proporção quanto Rony Weasley o era por ser pobre. Em determinada ocasião, por exemplo, foi chamada pelo garoto de “sangue ruim” (ROWLING, 2000a, p. 100), uma ofensa considerada grave no mundo bruxo:

- É praticamente a coisa mais ofensiva que ele podia dizer - ofegou Rony, voltando. - Sangue ruim é o pior nome para alguém que nasceu trouxa, sabe, que não tem pais bruxos. Existem uns bruxos, como os da família de Malfoy, que se acham melhores do que todo mundo porque têm o que as pessoas chamam de sangue puro (ROWLING, 2000a, p. 102).

Um paralelo pode ser notado, neste caso, com a discriminação étnica, ainda tão patente em nossa sociedade. Tais preconceitos são abordados na série, mostrando-se injustificáveis sob qualquer ponto de vista. No caso de Hermione, mesmo não tendo nascido em um lar bruxo, é uma das alunas com melhor desempenho e aproveitamento escolar.

Neste sentido, há, ainda, outro personagem que merece destaque: Remo Lupin, que atuou como professor de Hogwarts no terceiro volume da série (ROWLING, 2000c). Ele era um licântropo, o que na linguagem da fantasia significa lobisomem. Segundo Rowling, a condição de Lupin é uma metáfora aos portadores do vírus H.I.V.:

Era alguém que foi infectado jovem, que sofreu infâmia, que teve medo de infectar outras pessoas, aterrorizado em passar sua condição ao seu filho. E era uma forma de examinar o prejuízo, o preconceito injustificado contra um grupo de pessoas. E, também, examinar por que as pessoas podem se tornar amarguradas quando são tratadas injustamente (UNITED STATES DISTRICT COURT, 2008, p. 73, tradução nossa).

As dificuldades advindas desse fato são evidentes em muitos trechos da obra. Após a descoberta por parte dos demais professores e alunos sobre sua licantropia, Lupin se viu forçado a pedir demissão, e, desde então, se tornou difícil para o bruxo conseguir outro emprego ou ser aceito em qualquer círculo social. Ele relata:

- Eu ainda era garotinho quando levei a mordida. Meus pais tentaram de tudo [...]. Parecia impossível que eu pudesse freqüentar Hogwarts. Outros pais não iriam querer expor os filhos a mim.

“Mas, então, Dumbledore se tornou diretor e ele se condeou. Disse que se tomássemos certas precauções, não havia razão para eu não freqüentar a escola...” [...]

... e a confiança de Dumbledore significava tudo para mim. Ele me admitira em Hogwarts quando garoto, e me dera um emprego quando eu fora desprezado toda a minha vida adulta, incapaz de encontrar um trabalho remunerado porque sou o que sou (ROWLING, 2000c, p. 284-287).

Alguns anos depois, se referindo ao período em que vivera junto a outros lobisomens, ele afirma que esses bruxos com o mesmo problema “evitaram a sociedade normal e vivem na marginalidade” (ROWLING, 2005, p. 262).

Estes e outros exemplos confirmam as teorias sobre a relação entre leitura da palavra e leitura do mundo no caso da literatura ficcional. Através de elementos simbólicos, diversas situações são apresentadas, instigando o leitor a refletir e a se posicionar diante dos problemas expostos pelo autor crítico (SILVA, 2004). Rowling expõe o racismo e o preconceito, por exemplo, ilustrando-o com situações cuja tradução é facilmente perceptível em relação às minorias existentes no mundo real, além de outros problemas sociais, como a corrupção política e a falta de ética, além da desinformação.

Esse último aspecto se reflete no caso de Lupin: a discriminação existente poderia ser amenizada se fosse feita a disseminação correta da informação existente sobre o assunto. Em se tratando da licantropia, Lupin se mantinha consciente durante suas transformações por ingerir a poção “Mata-cão”, de forma a não oferecer riscos às pessoas à sua volta (ROWLING, 2000c, p. 284). Igualmente, no que se refere ao vírus H.I.V., as informações sobre a infecção, meios de transmissão e prevenção, o uso de antirretrovirais, a diferença entre H.I.V. e AIDS, dentre outras questões¹⁵, podem contribuir para a melhoria de vida dos portadores do vírus, minimizando o preconceito.

4.3 ESTÍMULO À LEITURA E ESCRITA

A leitura de obras ficcionais, como Harry Potter, é benéfica não somente no que concerne ao enriquecimento cultural e intelectual do leitor, ou seja: sua conscientização e desenvolvimento do pensamento crítico. Ao serem questionados sobre os últimos livros que leram ou que estavam lendo durante a realização da

¹⁵ O Ministério da Saúde brasileiro publica um *website* com pesquisas e informações diversas voltadas para o assunto, acessível pelo endereço www.aids.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2012.

pesquisa Retratos da leitura no Brasil (Anexos B e C), dentre mais de mil títulos diferentes, muitos se reportaram à série Harry Potter, ficando esta em quarto lugar no ranking. Além disso, 45% dos leitores afirmaram já ter relido ou ter o hábito de reler determinadas obras, 1% deste total se referindo à série em estudo.

A pesquisa realizada com os membros do Fã-Clube Harry Potter Belém (ver 4.4) registrou resultados semelhantes: 71,5% (15 dos 21 participantes) afirmaram ter relido ou costumar reler um ou mais livros da série. Isso porque o interesse despertado pelas histórias narradas não se esgota em simplesmente descobrir o seu desfecho. A leitura é prazerosa e empolgante.

O estímulo resultante não se restringe à releitura da obra, mas também à produção e leitura de novas histórias, episódios originais criados pelos próprios fãs – as chamadas *fanfictions* ou *fanfics*. Somente no *site* brasileiro fanfic.Potterish.com, cerca de 23 mil histórias podem ser encontradas, sem contar as demais *fics* publicadas em outros portais, comunidades e redes sociais, como o Orkut. No *site* HarryPotterFanfiction.com, mais de 74 mil histórias de fãs já foram registradas.

Becca Schaffner afirma que as *fanfictions* têm valor justamente porque “realizam o mais profundo desejo de bibliotecários e professores: é uma inteira comunidade de pessoas que não consegue parar de falar e pensar e compartilhar sobre livros” (2009, p. 615, tradução nossa). Tal dinâmica envolvendo a leitura se configura, por si só, em uma aliada à formação de leitores, mesmo não sendo obrigatória ou mesmo frequente a presença de um mediador, seja professor ou bibliotecário, nessas comunidades. Os horizontes do leitor se expandem, tanto no universo mágico representado na série quanto para além dele, resultado que poderia ser potencializado pela prática do profissional da informação.

Diversos autores que estudam a leitura e sua relação com o aprendizado, e, nesse caso, com a formação de um leitor produtor, afirmam que há um forte elo entre tal prática e o sucesso no desenvolvimento de habilidades intelectuais (CIEPLEWSKI; STANOVICH, 1992 *apud* MCPHERSON, 2007; WANG; GUTHRIE, 2004 *apud* MCPHERSON, 2007). Além disso, tal progresso na leitura vai aumentando gradativamente a sua motivação em ler (GUTHRIE *et al.*, 1999 *apud* MCPHERSON, 2007).

A variedade de suportes ou estruturas textuais também é um fator positivo para a formação de jovens leitores, haja vista que um ou outro pode despertar seu interesse de forma diferenciada, como histórias em quadrinhos, instruções de jogos,

blogs, wikis, mangás, *fanfictions* etc. (MCPHERSON, 2007). Nesse sentido, a experiência de leitura da série Harry Potter ganhou recentemente um novo elemento de interação entre os leitores e a obra: um projeto intitulado Pottermore¹⁶ (Figura 13), que permite recriar a história com a participação dos próprios leitores (ROWLING, 2011).

Figura 13 – Anúncio do Pottermore



Fonte: ROWLING, 2011.

4.4 O PERFIL DOS LEITORES

Idealizado por Thaís Hamile Cunha Resque há aproximadamente sete anos, o Fã Clube Harry Potter Belém (FCHPB) foi fundado com o objetivo de unir fãs da saga, incentivar a leitura, fomentar debates construtivos e, principalmente, criar laços de amizade. São cadastrados via Internet mais de 500 membros, que recebem informativos e avisos por meio de redes sociais e e-mail, sendo a integrante mais antiga ativa desde 2005.

O fã clube organiza os Encontros Pottermaníacos (EPs), eventos mensais com leitura, debates e gincanas. Entre 20 e 50 membros participam dos encontros, que são realizados no Parque da Residência (sito à Av. Governador Magalhães

¹⁶ O Pottermore pode ser acessado através do endereço eletrônico www.pottermore.com (acesso em: 17 fev. 2012). Por meio de cadastro prévio, o usuário recebe um *login* e uma senha de acesso para sua conta, a partir dos quais poderá interagir com leitores da série em todo o mundo, preparar poções e praticar feitiços, adquirir e gerenciar itens mágicos, assim como reler as histórias utilizando uma interface dinâmica, convidativa e de fácil compreensão.

Barata, n. 830, Belém, Pará), geralmente no penúltimo fim de semana de cada mês. Também são organizadas festas e passeios temáticos (Halloween, Natal, aniversários e outros), bem como movimentações em estreias de filmes e lançamentos de livros ligados à saga e ao universo criados por J. K. Rowling. Atualmente, é dirigido por Thaís Hamile, tendo Wagner Cardoso como vice-diretor¹⁷.

A fim de conhecer o perfil dos membros do FCHPB, aplicou-se um questionário em um dos e EPs do grupo, no mês de fevereiro de 2012, contendo dez perguntas relativas às suas experiências de leitura (Apêndice A). 21 membros do fã-clube participaram na coleta de dados, respondendo às questões.

No que diz respeito à primeira pergunta, verificou-se que 91,5% (correspondentes a 20 dos questionados) possui idade entre 14 e 24 anos, e somente um tem a idade entre 34 e 39 anos. Dessa forma, considerando-se jovem a população com idade entre 15 e 24 anos, e infantil a faixa etária inferior a essa (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1999), pode-se dizer que, no que diz respeito ao FCHPB, a série Harry Potter atinge o público para o qual se direciona a literatura infanto-juvenil.

Um dos fatos interessantes verificados pela pesquisa é que o primeiro contato dos participantes com a série se deu, em sua maioria (57%, 12 respondentes), não por meio dos livros, mas, dos filmes que deles surgiram. Ainda assim, mais de um terço dos questionados afirmou ter lido de 08 a 10 livros, incluindo-se nas opções os sete livros principais e os três títulos complementares. O segundo maior grupo, composto por cinco dos participantes, afirmou ter lido de entre 06 e 07 livros.

Questionou-se também se, na opinião dos participantes, a leitura dessa obra contribuíra para sua formação como leitores. Apenas 02 (9,5%) afirmaram que já tinham o hábito da leitura mesmo antes de conhecer a série; os outros 19 leitores acreditam que a leitura da obra os estimulou nesse sentido. Um dos respondentes comenta: *com certeza, é uma leitura fascinante e que prende a atenção do leitor, fazendo com que o mesmo adquira um maior desejo por leitura, inicialmente pelos livros dessa saga e posteriormente com leituras em geral.* Outro admite: *antes só lia livros com figuras.* Destaca-se resultados como o aumento do interesse pela leitura e

¹⁷ É possível saber mais sobre o FCHPB através dos links: <http://www.facebook.com/hpbelem>, www.twitter.com/hpbelem, www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=10846856, <http://fchpb.blogspot.com>. Acesso em: 17 fev. 2012.

pela literatura, melhoras na compreensão da palavra escrita e maior capacidade de concentração.

A preferência por obras de literatura também se evidencia nos livros que os participantes estavam lendo na época da realização da pesquisa. Grande parte deles (18 respondentes) indicou títulos de literatura, incluindo clássicos como *Dom Quixote*, *O Conde de Monte Cristo* e *Cinco minutos*, e obras contemporâneas, como *Desventuras em série*, *Operação Valquíria* e *Guerra dos Tronos*. Além disso, a série Harry Potter figurou como a obra mais marcante da vida da maioria dos leitores, seguida por outros títulos de literatura, literatura infanto-juvenil e leitura informativa.

Por fim, a pesquisa buscou medir a assiduidade dos participantes na leitura. Embora 08 dos questionados não se considerem leitores assíduos, o número de livros lidos anualmente e o tempo dedicado à leitura é um fator a se considerar. Ao comparar os índices de leitura dos participantes desta pesquisa e os resultados obtidos pela pesquisa Retratos da leitura no Brasil quanto à quantidade de livros lidos por ano (Anexo D), é possível notar uma sensível diferença entre os membros do FCHPB e os demais leitores brasileiros. Enquanto a média do país é de 4,7 livros por ano, os participantes desta pesquisa afirmaram ler de três a 102 obras, nesse mesmo período, sendo que somente um dos respondentes está abaixo da média nacional.

Diferença semelhante se percebe na análise do tempo dedicado à leitura. O número de horas gastas pelos participantes é de, no mínimo, três horas semanais; cinco deles dedicam de 15 a 27 horas, estando incluídos, dessa forma, em uma pequena parcela correspondente a 2% da população brasileira, que dedica mais de 10 horas por semana à leitura (Anexo E). Dentre os membros do fã-clubes, encontramos aqueles que, devido à rotina conturbada, afirmam se dedicar mais à leitura de lazer nos fins de semana, e outros os quais reservam muito tempo à prática. Um dos participantes responde: *uma noite sem hora para acabar*.

Dessa forma, se percebe que a literatura infanto-juvenil, em especial a série Harry Potter, cumpre ou cumpriu um importante papel nas experiências de leitura desses participantes, mesmo os que conheceram a série após a idade adulta. Ao passo que exercitam a leitura em diferentes suportes e formatos, como os filmes, os jogos, as *fanfictions*, RPGs e outros, todos os participantes expressam valorizar a leitura da literatura escrita. Além disso, relatam uma percepção de melhora em suas habilidades de leitura (compreensão, foco, prazer no hábito) por meio da série, cujo

conteúdo também se mostra de interesse para a formação de jovens leitores críticos, ao passo que estabelece relações subjetivas entre o universo fantástico introduzido pelo autor e o universo real conhecido pelo leitor, por meio de diferentes personagens e suas experiências distintas umas das outras, provando-se, assim, uma das diversas ferramentas à disposição do bibliotecário para o cumprimento de sua missão na formação de leitores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se buscou nesta pesquisa impor a leitura da série Harry Potter como obrigatória, em qualquer sentido. Pelo contrário, se objetivou exemplificar os efeitos positivos que uma leitura agradável pode causar na experiência do leitor, instigando-o a ler outras obras, tendo elas características semelhantes ou não. A partir dessa perspectiva, pode-se pensar em novas maneiras de formar leitores, buscando cativá-los por meio da emoção contida na literatura.

Neste sentido, é preciso compreender a amplitude do termo literatura, não a restringindo aos clássicos que fazem parte do cânone acadêmico. Devido ao seu poder transformador, ela é capaz de fazer entender e questionar o universo ao redor, transportando o leitor a diversos mundos, sem jamais apartá-lo completamente de seu próprio contexto. Através da leitura, o indivíduo pode conhecer melhor a si mesmo e àquilo que o rodeia, ao invés de permanecer em uma posição estagnada e alienada em relação ao seu tempo.

Outro grande valor que reside na literatura é que, devido às suas características próprias, pode exercer um papel fundamental para o que o não-leitor adote a prática da leitura, ou para que aqueles que já leem o façam com mais prazer e qualidade, ao compreenderem a vastidão e diversidade de leituras possíveis. No caso de crianças e jovens, é fundamental que suas leituras atendam aos seus interesses e gostos particulares, para que não se tornem maçantes ou pesadas.

Também é importante compreender a leitura sob diversos aspectos, como os aqui abordados, de forma a ter uma visão clara do quão complexo e significativo pode ser este ato. Apesar do estudo mais técnico dessa ação – a apreensão de símbolos, sua tradução em nível cognitivo, fisiológico e outros –, é possível compreender o poder que a palavra escrita vem exercendo durante os séculos – não somente a leitura da palavra, como foi destacado, mas, a leitura do mundo. Por meio da reflexão crítica, o homem é capaz de mudar a sua própria realidade e influir, como cidadão ativo, na sociedade em que está inserido.

É dever do bibliotecário se preocupar com a formação dos leitores a quem presta serviços informacionais. Não basta disponibilizar informação, sem que o usuário se sinta atraído a ela. Além disso, tal formação não visa apenas capacitar o indivíduo a compreender aquilo que lê. É necessário formar leitores conscientes, capazes de reconstruir e produzir novas leituras. E a literatura pode ser uma das

ferramentas usadas para alcançar tais fins, seja em sua forma mais genérica, a escrita, ou em formatos diversos, em que dinâmica e interação podem convidar o indivíduo a experiências literárias.

Dessa maneira, entendemos que não se deve requerer ou exigir, ou, ainda, *esperar* os mesmos padrões de leitura para diferentes indivíduos, sabendo-se que cada pessoa tem limitações, gostos, vivências e origens diferentes. Como mediadores da informação e formadores de leitores, ainda que restem obstáculos a superar, é reconfortante saber que histórias bem escritas podem alcançar um público, confirmando os princípios elaborados pelo filósofo Ranganathan: *todo leitor tem seu livro; todo livro tem seu leitor.*

REFERÊNCIAS

- A&E TELEVISION NETWORKS. **J. K. Rowling biography**. c2012. Disponível em: <http://www.biography.com/people/jk-rowling-40998>. Acesso em: 1 abr. 2012.
- ALVES, Rosângela. **Ética e cidadania na sociedade brasileira**. 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/17721/1/Etica-e-Cidadania-na-Sociedade-Brasileira/pagina1.html>. Acesso em: 24 out. 2010.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. Tradução por Octavio Mendes Cajado. 5. ed. São Paulo: Ática; Unesco, 1991.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 17-38.
- CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário técnico de psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- CABRAL, Marina. **História da literatura**. [2010?]. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/literatura/historia-da-literatura.htm>. Acesso em: 30 jan. 2012.
- CAMARGO, Orson. **Bullying**. [201-]. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 18 fev. 2012.
- DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- EL FAR, Alessandra. Livros para todos os bolsos e gostos. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2005. p. 329-341. (Coleção Histórias de Leitura).
- FAILLA, Zoara. Os jovens, leitura e inclusão. In: AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-Livro, 2008. p. 95-107.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. [Curitiba]: Positivo, c2004.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. Prefácio de Antônio Houaiss. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2007.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Questões da Nossa Época, 13).

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. Esse Brasil que não lê. In: AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro; Imprensa Oficial, 2008. p. 61-72.

GOMES, Cristiana. **História e origem da literatura**. 2007. Disponível em: <http://www.infoescola.com/literatura/historia-e-origem-da-literatura>. Acesso em: 30 jan. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Departamento de População e Indicadores Sociais. **População Jovem no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, n. 3).

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. Tradução por Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KATO, Mary. Processos de decodificação: a integração do velho com o novo em leitura. In: KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 49-63. (Texto e linguagem).

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Nova Cultural, Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos, 92).

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004. (Série Fundamentos).

LÁZARO, André; BEAUCHAMP, Jeanete. A escola e a formação de leitores. In: AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-Livro, 2008. p. 73-82.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos, 74).

MCPHERSON, Keith. Harry Potter and the goblet of motivation. **Teacher Librarian**, v. 34, n. 4, p. 71-73, apr. 2007. Disponível em: <http://search.ebscohost.com.ez3.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=24834257&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 18 fev. 2012.

MELO, José Marques de. Comunicação social: da leitura à leitura crítica. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 100-110.

RESULTADOS da pesquisa Retratos da leitura no Brasil: 2007. In: AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-Livro, 2008. p. 143-227.

ROWLING, J. K. **Animais fantásticos e onde habitam**. Tradução por Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001a.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Tradução por Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Tradução por Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Tradução por Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Tradução por Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Tradução por Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001b.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o enigma do Príncipe**. Tradução por Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Tradução por Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

ROWLING, J. K. **J. K. Rowling official site**. [2011]. Disponível em: <http://www.jkrowling.com>. Acesso em: 17 fev. 2012.

ROWLING, J. K. **J.K. Rowling announces Pottermore**. 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/user/JKRowlingAnnounces>. Acesso em: 19 fev. 2012.

ROWLING, J. K. **Os contos de Beedle, o Bardo**. Tradução por Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROWLING, J. K. **Quadribol através dos séculos**. Tradução por Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001c.

SCHAFFNER, Becca. In defense of fanfiction. **The Horn Book Magazine**, [Boston], p. 613-618, Nov./Dec. 2009. Disponível em: <http://search.ebscohost.com.ez3.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=44876948&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 19 fev. 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Unidades de leitura: trilogia pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2003. (Coleção Linguagens e Sociedade).

SILVA, Gerson Gonçalves da; FORTUNATO, Marina Pinheiro. Literatura: letramento e linguagem na formação do leitor contemporâneo. In: WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Literatura na formação de leitores**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. p. 13-39.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Tradução por João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Biblioteca Universal).

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. Tradução por Maria da Penha Villalobos. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler. Tradução por Daise Batista. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 18-29.

UNITED STATES DISTRICT COURT. Southern District of New York. [Southern District Reports, P. C. (212) 805-0300]. Requerente: Warner Bros. Entertainment, Inc. e J. K. Rowling. Réu: RDR Books. Nova York, 14 de abril de 2008. Disponível em: <http://cyberlaw.stanford.edu/files/blogs/Trial%20Transcript%20Day%201.txt>. Acesso em: 17 fev. 2012.

VIEIRA, Telma Maria. Literatura: o leitor na modernidade. In: WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Literatura na formação de leitores**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. p. 41-73.

WITTER, Geraldina Porto; SILVA, Elza Maria Tavares. Literatura no livro didático. In: WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Literatura na formação de leitores**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. p. 75-94.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A magia da escola na escola de magia: a escola que se inscreve nas histórias sobre Harry Potter. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 103-127, dez. 2010. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a06.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
 FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

O seguinte questionário tem como objetivo conhecer o perfil dos leitores da série Harry Potter em Belém e região metropolitana (PA), complementando a pesquisa intitulada *O papel da literatura infanto-juvenil na formação de leitores: os fãs da série Harry Potter em Belém do Pará*. Pedimos sua contribuição em responder a todas as questões, podendo fazer comentários onde desejar, nas linhas destinadas às respostas ou às margens.

- 1) Qual sua idade? _____
- 2) Como conheceu a série Harry Potter? () Livros () Filmes
- 3) Você já leu livros série Harry Potter? () Sim () Não
 Se sim, quais? () Pedra Filosofal () Câmara Secreta
 () Prisioneiro de Azkaban () Cálice de Fogo
 () Ordem da Fênix () Enigma do Príncipe
 () Relíquias da Morte () Animais fantásticos...
 () Os contos de Beedle... () Quadribol...
- 4) Você já releu a série ou costuma relê-la? () Sim () Não
- 5) Acredita que a leitura da série Harry Potter ajudou-lhe a gostar mais de ler ou a ler melhor? _____

- 6) Está lendo algum livro, atualmente? Se sim, qual? _____

- 7) Você se considera um leitor assíduo? () Sim () Não
- 8) Quantos livros, em média, costuma ler por mês? _____
 E por ano? _____
- 9) Quantas vezes por semana e por quanto tempo, em média, costuma dedicar-se à leitura? _____

- 10) Qual livro (seja da série ou não) considera o mais marcante em sua experiência como leitor? _____

ANEXOS

ANEXO A – LIVROS MAIS IMPORTANTES NA VIDA DOS LEITORES (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL)

Livros mais importantes na vida dos leitores*

1)	Bíblia	16)	O Menino Maluquinho
2)	O Sítio do Pica-pau Amarelo**	17)	A Escrava Isaura
3)	Chapeuzinho Vermelho	18)	Romeu e Julieta
4)	Harry Potter	19)	Poliana
5)	O Pequeno Príncipe	20)	Gabriela Cravo e Canela
6)	Os Três Porquinhos	21)	Pinóquio
7)	Dom Casmurro	22)	Bom Dia Espírito Santo
8)	A Branca de Neve	23)	A Moreninha
9)	Violetas na Janela	24)	Primo Basílio
10)	O Alquimista	25)	Peter Pan
11)	Cinderela	26)	Vidas Secas
12)	Código Da Vinci	27)	Carandiru
13)	Iracema	28)	O Segredo
14)	Capitães de Areia	29)	A Ilha Perdida
15)	Ninguém é de Ninguém	30)	Meu Pé de Laranja Lima

* Resposta espontânea e com uma única opção.

** Embora não conste da bibliografia brasileira, é uma referência à obra de Monteiro Lobato.

59% dos leitores (56,2 milhões) souberam citar o livro mais marcante.

O número de citações da Bíblia é 10 vezes maior que a do 2º colocado.

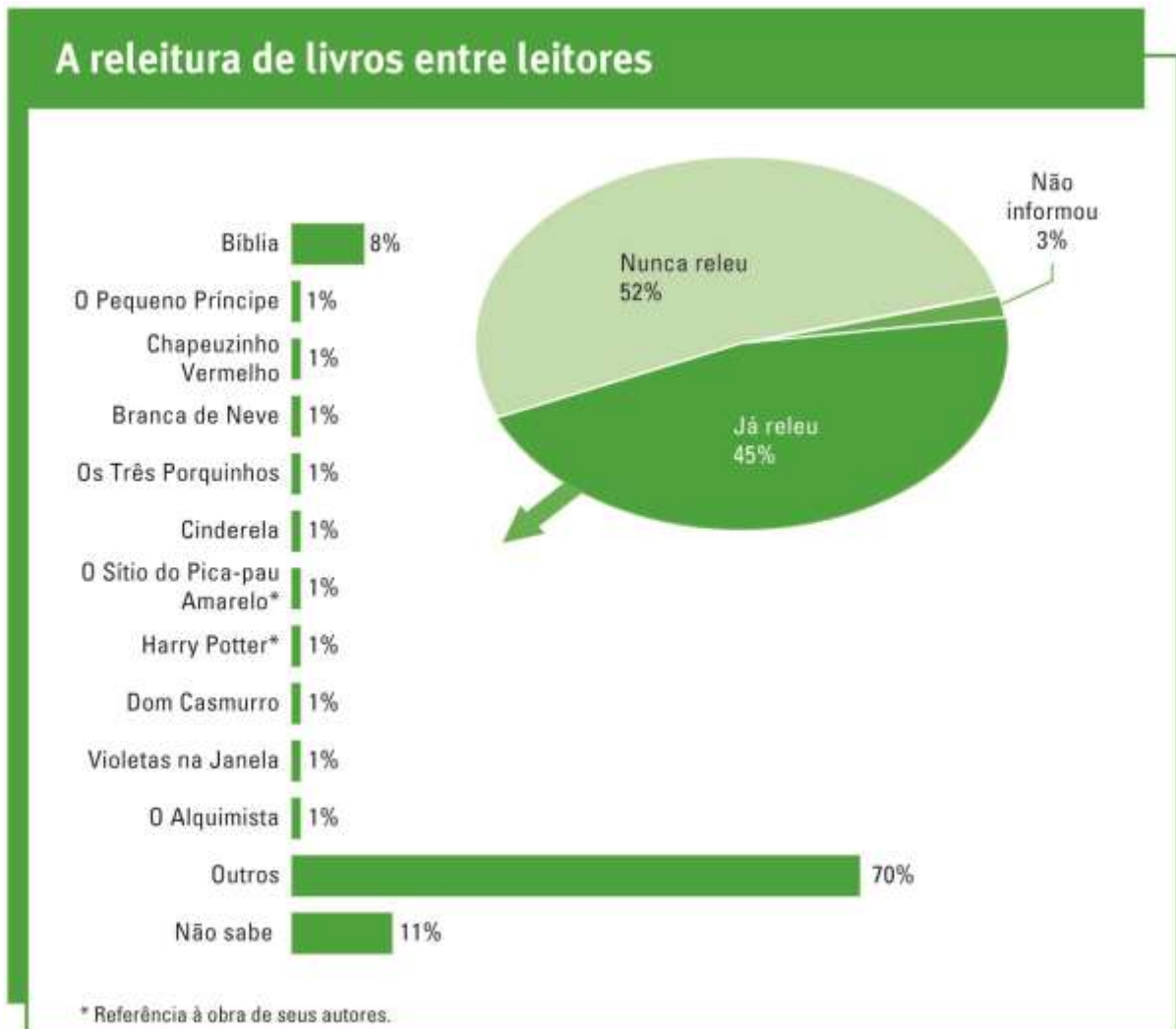
2 em cada 3 entrevistados (contando os não-leitores) não souberam dizer ou não informaram um livro marcante.

ANEXO B – ÚLTIMO LIVRO QUE O LEITOR LEU OU ESTÁ LENDO (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL)



Fonte: RESULTADOS..., 2008, p. 180.

ANEXO C – A RELEITURA DE LIVROS ENTRE LEITORES (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL)



Fonte: RESULTADOS..., 2008, p. 197.

ANEXO D – NÚMERO DE LIVROS LIDOS POR ANO (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL)

Indicador nº 4: Número de livros lidos por ano

4,7 livros por habitante/ano

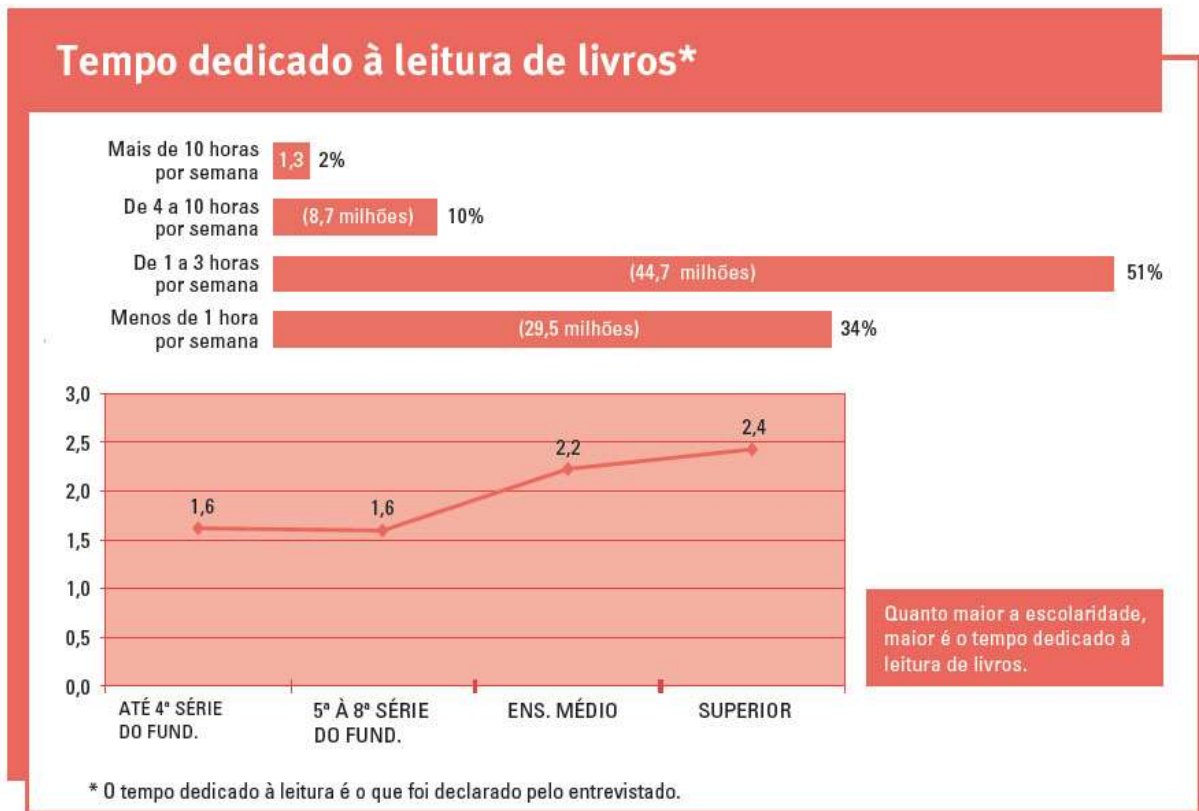
O número de livros indicados pela escola (o que inclui os didáticos) é de 3,4 livros lidos por habitante/ano.

O número de livros lidos fora da escola é de 1,3 livros por habitante/ano.

Por se tratar de metodologias diferentes, não é possível comparar com a 1ª edição, que não pesquisou os *leitores com menos de 15 anos e de 3 anos de escolaridade*).

Fonte: RESULTADOS..., 2008, p. 220.

ANEXO E – TEMPO DEDICADO À LEITURA DE LIVROS (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL)



Fonte: RESULTADOS..., 2008, p. 184.